

Memórias do Esporte e do Lazer no Rio Grande do Sul

Organizadoras
Silvana Vilodre Goellner
Johanna Coelho von Mühlen

Volume 1



Porto Alegre
2013

**Memórias do Esporte e do
Lazer no Rio Grande do Sul**

Volume 1

Capa e Diagramação:

Tiago Kras

M533 Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul / Organização Silvana Vilodre Goellner, Johanna Coelho von Müllen; Prefácio Victor Andrade de Mello - Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.
128 p. ; il.

ISBN: 978-85-7727-500-7

1. Esporte. 2. Lazer. 3. História. 4. História do esporte. 5. Rio Grande do Sul. I. Goellner, Silvana Vilodre. II. Müllen, Johanna Coelho von.

CDU: 796(091)

Ficha catalográfica elaborada por Naila Touguinha Lomando, CRB-10/711

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	11
Primórdios do Esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo	15
<i>Janice Zarpellon Mazo e Ester Liberato Pereira</i>	
Antes do futebol... a ginástica, o remo e o ciclismo	27
<i>Carolina Fernandes da Silva</i>	
O Porto e a Fronteira: Notas Sobre o Pioneirismo do Futebol do Interior Gaúcho	39
<i>Luiz Carlos Rigo</i>	
A dimensão lúdica do esporte: as praças e parques, os jardins de recreio e colônia de férias	53
<i>Eneida Feix</i>	

O protagonismo da Escola de Educação Física na formação de professoras e professores no Rio Grande do Sul 65

Vanessa Bellani Lyra

Histórias de mulheres no esporte gaúcho: Lea Linhares, a primeira judoca faixa-preta do Rio Grande do Sul 77

Silvana Vilodre Goellner

O Rio Grande do Sul no cenário esportivo internacional: a Universíade 1963 83

Maristel Pereira Nogueira

Parque Náutico Alberto Bins: sobre a política do espaço que faz parte da cultura de Porto Alegre 93

Cleizi Fernanda Zanatte da Silva e Johanna Coelho von Mühlen

A Maratona de Porto Alegre: um evento de longa tradição 99

José Patrício Cunha Pinheiro

O skate no Rio Grande do Sul: relatos de um de seus pioneiros 108

Alexandre Fornari e Márcia Luiza Machado Figueira

Henrique Licht: garimpeiro, guardião e contador de histórias 118

André Luiz dos Santos Silva

Apresentação

O esporte tem sido um tema recorrente na agenda política e cultural do Brasil em função da eminente realização da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Esse movimento tem desencadeado maior visibilidade a temas outrora reservados aos espaços acadêmicos e esportivos como, por exemplo, o registro de histórias e de memórias de pessoas, grupos e instituições que em diferentes contextos e temporalidades construíram as bases para aquilo que hoje vivenciamos no campo das práticas corporais e esportivas.

O livro que apresentamos contempla essa perspectiva e busca visibilizar alguns temas relacionados a esse olhar. Sem a pretensão de narrar uma história oficial e verdadeira sobre essa prática cultural, aborda algum de seus aspectos considerando a produção de pesquisadores e pesquisadoras que de algum modo tiveram e tem relação com história e memória do esporte no Rio Grande do Sul.

Por essa razão os textos aqui publicados não seguem uma narrativa cronológica ou temática, mas possibilitam navegar por tempos e espaços diversos e plurais. Possibilitam, sobretudo, observar algumas iniciativas que contribuíram para a consolidação do campo esportivo no solo gaúcho no âmbito da formação profissional, do associativismo esportivo, da organização de eventos, do lazer, da participação clubística, da preservação da memória e do próprio acontecer de determinadas modalidades tais como o remo, o ciclismo, a ginástica, o futebol, o skate e as lutas.

Ao rememorar essas experiências do passado buscamos não apenas dar-lhes visibilidade e importância mas também evidenciar o quanto podem contribuir para pensar o presente e projetar o futuro do esporte gaúcho. Afinal, algumas das experiências aqui narradas não estão registradas em livros, artigos, jornais e revistas e, ao serem lembradas, possibilitarão o conhecimento e a construção de várias histórias sobre a estruturação e legitimação do esporte no Rio Grande do Sul e Brasil.

Tal iniciativa resulta de uma parceria entre o Centro de Memória do Esporte (ESEF-UFRGS) e FUNDERGS, instituições que historicamente tem empreendido esforços voltados para registros de memórias e para a sua divulgação. Nesse sentido vale destacar o empenho do Secretário Estadual do Esporte e do Lazer, Kalil Sehbe e da Diretora-presidente da FUNDERGS, Renita Dametto, que acolheram, de imediato, nossa proposta para a organização deste livro. Não apenas nos incentivaram a realizá-lo com autonomia acadêmica e política como forneceram todo

o apoio necessário a sua publicação e divulgação apostando, inclusive, na continuidade de iniciativas dessa natureza.

É, portanto, com alegria e satisfação que desejamos a você uma boa leitura. Que os textos aqui publicados façam brotar histórias de um passado pleno de vivências cujo acontecer fizeram do esporte gaúcho aquilo que hoje ele é e aquilo que um dia virá a ser. Afinal, o que sabemos do presente e do futuro se não considerarmos os registros do passado?

Silvana Vilodre Goellner
Centro de Memória do Esporte/ESEF/UFRGS

Johanna Coelho von Mühlen
Fundação de Esporte e Lazer do RS

Prefácio

Na Inglaterra da virada dos séculos XVIII e XIX, um dos desdobramentos do desenvolvimento do modo de produção fabril foi o crescimento da malha urbana, tanto de antigas cidades, que, por estarem localizadas próximas a rios e mares navegáveis, já dispunham de uma desejada estrutura de meios de transporte, necessários à distribuição do excesso de bens produzidos pelas indústrias, quanto de novas urbes, que se organizaram ao redor de fábricas, que logo puderam ser também organizadas no interior, mais próximas das fontes de matéria prima, em função da relativamente rápida instalação de uma rede ferroviária.

Nesse cenário, gesta-se uma nova cultura, isso é, sente-se a necessidade de negociar um conjunto de valores e normas de comportamento para organizar o novo modelo preponderante de vida em sociedade, num processo obviamente não isento de linhas de tensão, inclusive pela ação e interferência dos donos dos meios de produção, que percebem que controlar

o cotidiano tem um papel estratégico na consolidação do novo regime econômico, até mesmo porque era necessário “acostumar” os indivíduos aos rigores da indústria, em muitos aspectos mais cruéis do que os da vida no campo.

Articulado com esses aspectos, com a valorização das práticas de entretenimento (crescentemente enquadradas em modelos empresariais), com as novas formas de organização da sociedade civil (da qual se destacam os clubs, surgidos nos pubs e coffee houses do século XVIII), com a redução das injunções religiosas sobre o corpo (embora tenham crescido as normativas disciplinares da ciência), delinea-se um novo fenômeno social, que guarda similaridades com antigas manifestações culturais, mas se organiza em formato totalmente (ou pelo menos bastante) distinto: o esporte.

Na verdade, é a própria estrutura urbana, com sua crescente burocratização e desreferencialização, que induz a que antigas práticas, muitas delas rurais (sejam as populares ou as típicas da gentry), se reorganizem, num processo crescente e que progressivamente abrange várias outras práticas corporais (que nesse quadro vão passar pelo mesmo quadro de burocratização, de estruturação de um campo ao seu redor) e mesmo não corporais, o que demonstra o quanto o esporte dialogou, se ajustou e em grande medida emulou muitas características da sociedade capitalista; ou para ser mais preciso, de uma sociedade que se pretendia moderna. Nesse sentido, não é equivocado dizer que a prática esportiva é uma ocorrência tipicamente urbana.

Esse novo fenômeno, que crescentemente foi valorizado no Império Britânico, vai se espalhar pelo mundo a bordo dos navios militares e mercantes, que levavam mais do que armas e produtos, mas portavam a mensagem de um mundo novo, materializado em promessas de novos valores, um novo padrão de consumo e luxo, novos símbolos, que rompiam, pelo menos nos discursos, com o antigo regime, instituindo a novidade como parâmetro de desejo.

O que ocorre é que a modernidade é mais do que tudo um conjunto de imagens e símbolos, que se materializam, é certo, de formas absolutamente heterogêneas, dialogando com as condições locais de implementação, ainda que guardem uma boa porção dos acordos que emergem dos países centrais, protagonistas do processo de industrialização e globalização. Nesse sentido, se o esporte carrega marcas dessas ambições, é também relido em cada localidade em que se materializa, não poucas vezes algo que se relaciona com a adesão (ou o desejo de) a projetos de modernidade, e isso mesmo quando não haveria condições “concretas” para tal. Isso é, progressivamente as “benesses modernas” tornam-se um desejo, cada vez mais difundido, talvez até mesmo seja possível dizer que se trate de algo generalizado; a prática esportiva faz parte desses novos sonhos.

Assim sendo, investigar a prática esportiva é investigar muito mais do que o esporte em si, embora jamais deixe de o ser. Trata-se de prospectar e desvendar algo do espírito de um tempo, de um determinado contexto, das questões mais sérias de um dado quadro naquele instante aparentemente ingênuo,

o da diversão, o do lazer. A história do esporte é, assim, também uma história política, uma história econômica, uma história cultural, uma história urbana, uma história de como o micro e o macro dialogam, de como o local e o global se relacionam.

Logo, quantos mais arranjos esportivos entendermos, indubitavelmente maiores compreensões sobre nossa história a nosso dispor teremos, e, porque não dizer, isso significa também maiores potencialidades de entendermo-nos.

O que os colegas do Rio Grande do Sul, capitaneados pela colega Silvana Goellner, em mais um de seus trabalhos de já conhecida qualidade, nos apresentam é exatamente isso. Ao se debruçarem sobre os mais diferentes casos, períodos e localidades gaúchas (com destaque para o que ocorreu em Porto Alegre), nos oferecem a oportunidades de sabermos mais algo sobre nós mesmos, não só sobre as cidades, ou sobre o estado, ou mesmo sobre o país, mas sobre a incrível força dessa manifestação cultural que, dialogando com as mais diferentes dimensões de um tempo, como poucas outras movimentam as paixões humanas.

O leitor certamente se encantará com o que vai encontrar.

Victor Andrade de Melo
Rio de Janeiro, inverno de 2012

Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo

*Janice Zarpellon Mazo¹
Ester Liberato Pereira²*

Introdução

O associativismo no campo esportivo, em Porto Alegre, foi desencadeado na segunda metade do século XIX pela iniciativa dos imigrantes radicados na capital do estado do Rio Grande do Sul. As primeiras associações esportivas – sociedades, agremiações, clubes – porto-alegrenses foram organizadas pelos imigrantes alemães (teuto-brasileiros), impulsionando o desenvolvimento dos esportes na capital do Estado. Assim como

¹ Professora do Departamento de Educação Física da UFRGS. Coordenadora do Núcleo de Estudos em História e Memórias do Esporte e da Educação Física.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em História e Memórias do Esporte e da Educação Física.

os teuto-brasileiros, os imigrantes portugueses (luso-brasileiros) e os imigrantes italianos (italo-brasileiros) também fundaram suas associações esportivas. Todavia, este processo somente ocorreu no princípio do século XX. As associações, além de se constituírem em espaços de práticas esportivas, também eram lugares de sociabilidade, lazer e preservação da cultura dos imigrantes e seus descendentes.

Sabe-se que outros grupos de imigrantes também marcaram presença no campo esportivo porto-alegrense. No entanto, de acordo com pesquisas que tratam da história do associativismo esportivo no Rio Grande do Sul (TESCHE, 1996; MAZO, 2003; MAZO, 2010), os pioneiros na fundação de associações esportivas, em Porto Alegre, foram os teuto-brasileiros, luso-brasileiros e italo-brasileiros. Nos tópicos que seguem, tendo como suporte fontes impressas, apresentamos as relações destes grupos migratórios com o campo esportivo.

O esporte e os teuto-brasileiros

A primeira associação fundada em Porto Alegre, pelos teuto-brasileiros, foi a atual “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” (SOGIPA), no ano de 1867. A prática inicialmente incentivada era o *turnen*, expressão do idioma alemão traduzido como “ginástica” por Tesche (2011), mas que, além da “ginástica de aparelhos” (atual ginástica artística), englobava a corrida, a esgrima, jogos, entre outras práticas. A SOGIPA, durante os primeiros anos de existência, também incentivou o tiro ao alvo (SILVA, 1997). Por meio das práticas

esportivas, os teuto-brasileiros produziram um sentimento, em maior ou menor grau, de pertencimento a sua Pátria de origem.

Outra iniciativa pioneira dos teuto-brasileiros foi a fundação do primeiro clube de tênis do Brasil, localizado na cidade de Porto Alegre: o *Walhala*. Fundado em 1896, o *Walhala* era, exclusivamente, uma associação de tenistas, que ficou conhecida na cidade de Porto Alegre como “clube de tênis dos alemães”. Este clube foi incorporado pela Associação Leopoldina Juvenil (ALJ) na década de 1940, e até hoje mantém suas atividades, sendo conhecido como “clubinho”.

No ciclismo, os teuto-brasileiros também marcaram presença, no final do século XIX. Fundaram a primeira associação de ciclistas em Porto Alegre: a *Rodforvier Verein Blitz* (LICHT, 2003). Em 1898, após a conclusão de seu velódromo, a *Blitz* promoveu a primeira corrida ciclística em pista oficial em Porto Alegre. Provavelmente, foi esta competição que estimulou a fundação de uma nova associação de ciclistas, chamada União Velocipédica, em 1899, ano da construção do seu velódromo.

Outros espaços para as práticas esportivas foram edificados pelos teuto-brasileiros: salas de ginástica, áreas ao ar livre, quadra, velódromo e as águas do Lago Guaíba. Às margens do Guaíba, foram instalados os primeiros clubes de remo da cidade: o *Ruder-Club* Porto Alegre, em 1888, e o *Ruder-Verein Germania*, no ano de 1892. Anos depois, pela iniciativa destes clubes, criou-se o Comitê de Regatas, no ano de 1894, com a finalidade de impulsionarem o desenvolvimento do remo. Este Comitê, que ao longo de décadas mudou o nome e suas funções, é o embrião da atual Federação Gaúcha de Remo, considerada a primeira entidade desta natureza organizada no Brasil.

O remo era um esporte muito prestigiado em Porto Alegre. No princípio do século XX, um grupo de jovens estudantes teuto-brasileiros, com idade entre 10 e 15 anos, do *Hilfsverein* (atual Colégio Farroupilha), organizaram seu clube de remo: o *Ruder Verein Freundschaft*. Em 1906, entrou em funcionamento o clube, que, a partir do ano de 1917, passou a denominar-se Grêmio Náutico União (HOFMEISTER FILHO, 1996, p. 11).

O *turnen*, o tênis, o ciclismo e o remo são algumas das práticas esportivas introduzidas em Porto Alegre em meados do século XIX pelos teuto-brasileiros. No princípio do século XX, seu domínio no campo esportivo porto-alegrense era evidente. No entanto, outros grupos migratórios começaram a formar seus próprios clubes. Foi o caso dos luso-brasileiros, que já fomentavam laços de pertencimento a uma coletividade por meio do turfe, desde meados do século XIX, os quais são alargados no princípio do século XX com a fundação dos clubes de remo.

O esporte e os luso-brasileiros

Inicialmente, tanto os teuto-brasileiros como os luso-brasileiros se valeram da estratégia de adoção de associações esportivas para definir seu espaço social. Para os teuto-brasileiros, as práticas esportivas eram um meio de sustentação de sua cultura, enquanto que para os luso-brasileiros, o esporte estava associado ao mercantilismo. Entretanto, com as mudanças sociais, os luso-brasileiros necessitaram rever sua representação mercantil no campo esportivo.

O turfe, em Porto Alegre, era associado a uma representação elitista marcada pelos luso-brasileiros, em função de sua aptidão de adquirirem cavalos da Inglaterra, caracterizando o alto poder aquisitivo que era necessário para a participação neste esporte. A partir da segunda metade do século XIX, cresceu o incentivo à prática do turfe por meio dos quatro prados que chegaram a funcionar simultaneamente na cidade: Prado Boa Vista (fundado em 1880); Prado Rio-Grandense (1881); Prado Navegantes (1891) e Prado Independência (1894). Os prados atingiram seu auge na década de 1890, também contribuindo para o desenvolvimento dos bairros onde se localizavam.

Cabe referir que os prados se constituíam em associações mercantis, cujo alvo exclusivo era fazer render o capital investido, não atentando para benefícios ou desenvolvimento da raça dos cavalos de corrida. De tal modo, no princípio do século XX, o turfe começou a enfraquecer em Porto Alegre, resultando no fechamento de quase todos os prados. A concorrência excessiva que existia entre os prados e as sociedades turfísticas, principalmente no que se refere aos lucros mercantis, a crise econômica derivada da Revolução Federalista (1893/1895), e a transição para um novo modelo sociocultural desestabilizaram o cenário turfístico porto-alegrense.

Deste modo, procurando reanimar o turfe na cidade, os admiradores luso-brasileiros do turfe consolidavam uma nova sociedade, a qual incentivaria o turfe como um esporte, e não mais como um simples jogo de azar. Em setembro de 1907, foi fundada a Associação Protetora do Turfe, constatando-se uma intenção concretizada de promover e respeitar o turfe sob o ponto de vista esportivo, e não simplesmente lucrar com este esporte (PEREIRA, 2008).

No princípio do século XX, no ano de 1903, os luso-brasileiros fundaram o primeiro clube nos moldes das tradicionais associações esportivas dos teuto-brasileiros: o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Este clube ficou conhecido na cidade como o “clube de remo dos portugueses”. O remo, novamente, foi o esporte escolhido por luso-brasileiros que desejavam ter o seu clube. Em 1905, um grupo de remadores do *Ruder Verein Germania* abandonou o clube e fundaram o Clube de Regatas Almirante Barroso, conforme notícia do jornal O Independente (CLUB..., p. 2).

Outro clube marcado pela presença majoritária de membros da comunidade luso-brasileira foi o *Club* de Regatas Vasco da Gama. Em conformidade com o jornal A Federação (REMO, 1917, p.2), o Vasco foi criado pela iniciativa de alguns associados do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, que desejavam um clube ainda mais representativo dos luso-brasileiros. Tal evidência foi localizada no jornal A Federação, que registrou a fundação do Vasco, como sendo um clube que congregava “o elemento portuguez, instalado nesta capital” (ROWING, 1917, p. 5).

O esporte e os ítalo-brasileiros

Os ítalo-brasileiros, até o princípio do século XX, não tinham uma associação esportiva própria na cidade de Porto Alegre. Alguns membros desta comunidade frequentavam a União Velocipédica, uma associação de ciclistas, fundada no final do século XIX. Para além da prática do ciclismo, os imigrantes italianos

decidiram organizar um clube, elegendo o remo como esporte principal. Em 1908, foi inaugurado o *Club Canottiere Ducca degli Abruzzi*, que ficou conhecido, na sociedade porto-alegrense, como o “Clube de Remo dos Italianos”, embora também oferecesse, para os associados, a prática da natação e do polo aquático.

O *Club Canottiere*, identificado com os ítalo-brasileiros, foi abasileirado no começo da década de 1940, durante o Estado Novo (1937-1945) e com o ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A mudança do nome original para “Clube de Remo Duque de Caxias” foi uma imposição que abalou o clube. Mesmo assim, o “Duque de Caxias” manteve-se em atividade nas décadas seguintes, inclusive destacando-se nas disputas de remo.

Depois de conquistar bons resultados nas regatas estaduais, no início da década de 1960, o “Duque de Caxias” foi alvo de disputas internas entre grupos de associados. O clube vinha enfrentando problemas de diversas ordens e, em razão disso, um grupo de sócios defendia a fusão com o *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*, um clube fundado, em 1903, visando a prática do futebol. Outro grupo era contrário à fusão, mesmo reconhecendo os sérios problemas financeiros que o clube tinha e a estabilidade atingida pelo *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*.

Em 1962, o “Duque de Caxias” foi incorporado pelo *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*, compondo o Departamento de Remo (HOFMEISTER, 1979, p.65). Na época, percebia-se o enfraquecimento da prática do remo em Porto Alegre. Esta tendência confirmou-se nos anos seguintes e o Departamento de Remo entrou em declínio no clube, que cada vez mais se afirmava na prática do futebol.

Considerações Finais

As associações esportivas, para além de espaços de socialização e lazer, se tornaram um espaço de reconstrução das identidades culturais dos imigrantes em Porto Alegre, desde meados do século XIX até o início do XX. Os teuto-brasileiros desenvolveram clubes destinados à prática esportiva e à sociabilidade de pessoas que compartilhavam a mesma identidade étnica. Já os luso-brasileiros não partilhavam desta tradição esportiva, mas possuíam locais de convivência social, dos quais o turfe era a principal atração.

As representações desenvolvidas em torno das práticas esportivas instituíam uma demarcação de fronteiras de identidades culturais entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros. A primeira prática esportiva identificada enquanto um meio de representação teuto-brasileira foi a ginástica (*turnen*). Os teuto-brasileiros viam, nesta prática, uma manifestação que possibilitava a sua apresentação à sociedade e a diferenciação dos demais grupos étnicos. Os clubes teuto-brasileiros, contudo, ofereciam, também, diversas outras práticas esportivas; entretanto, restringiam o ingresso daqueles que não estivessem dentro de seus parâmetros de aceitação.

Diferentemente dos teuto-brasileiros, os luso-brasileiros não possuíam uma tradição de práticas esportivas. Todavia, os luso-brasileiros sentiram a necessidade de se representar socialmente através de um clube esportivo nos moldes dos clubes teuto-brasileiros. Para tanto, optaram pelo remo, um esporte

identificado como uma prática na qual os teuto-brasileiros possuíam hegemonia. Os ítalo-brasileiros, em seguida, também elegeram o remo para criar seu próprio clube. Isto revela que, no cenário esportivo, estabeleceram-se lutas de representações entre os clubes da cidade, identificados como “dos alemães”, “dos portugueses” e “dos italianos”, confirmando um conflito de identidades culturais na capital do Rio Grande do Sul.

Referências

CLUB de Regatas. **O Independente**. Porto Alegre, 02 mar 1905, p. 2.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. **90 anos do Grêmio Náutico União: “o clube das três sedes” – 1906/1996**. Porto Alegre, RS: 1996.

LICHT, H. **História do Ciclismo no Rio Grande do Sul (1896-1905)**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do associativismo Desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867-1945): espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, Janice. **Banco de dados das associações esportivas e de Educação Física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867-1945)**. Novo Hamburgo, RS: Editora da Feevale, 2010. CD ROM.

PEREIRA, E. **A prática do Turfe em Porto Alegre (1875/1910): alguns tropeços em meio a um vitorioso galope**. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação). Licenciatura em Educação Física. Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre 2008.

REMO. **A Federação**. Porto Alegre, 19 jan. 1917, p. 2.

ROWING. **A Federação**. Porto Alegre, 30 jan. 1917, p. 5.

SILVA, Haike. **SOGIPA**: uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Gráfica Editora Pallotti, Editores Associados Ltda, 1997.

TESCHE, L. **A prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no RS**: 1867-1942. Ijuí: UNIJUÍ, 1996.

TESCHE, Leomar; KRUGER, M.; PFISTER, Gertrud; HOFMANN, A. **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia na América. Ijuí, RS: Editora da UNIJUÍ, 2011.

Figura 1 - Programa Turfe



Fonte: Centro de Memória do Esporte ESEF/UFRGS

Figura 2 - Convite da prova ciclistica



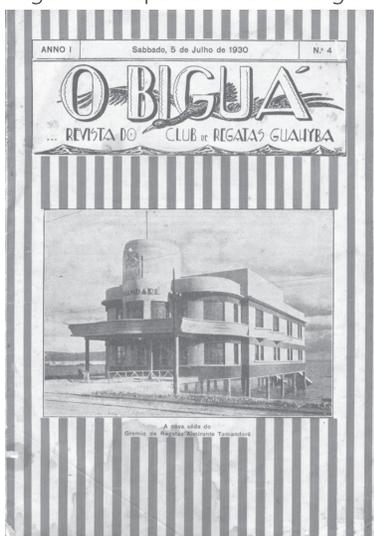
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Figura 3 - Ginastas



Fonte: Acervo histórico do Memorial SOGIPA

Figura 4 - Capa da Revista “o Biguá”



Fonte: Acervo histórico do Clube de Regatas Guaiba Porto Alegre (GPA)

Figura 5 - Mapa



Fonte: Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho

Antes do futebol... a ginástica, o remo e o ciclismo¹

Carolina Fernandes da Silva²

Introdução

Anteriormente à fundação dos primeiros clubes de futebol em Porto Alegre, no princípio do século XX, os porto-alegrenses já praticavam outros esportes. As práticas esportivas foram agenciadas na capital sul-rio-grandense pelos clubes fundados a partir de meados do século XIX pela iniciativa de imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros). Os teuto-brasileiros trouxeram em sua bagagem diversas práticas e costumes, dentre essas a ginástica, o remo e o ciclismo.

Na transição do século XIX para o XX, novos esportes começavam a fazer parte da sociedade porto-alegrense,

¹ Este estudo foi produzido no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano ESEF/UFRGS sob orientação da Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano ESEF/UFRGS. Membro do Núcleo de Estudos em História e Memórias do Esporte e da Educação Física.

bem como novos divertimentos. Neste período, Porto Alegre começa a apresentar sinais de progresso como a extensão de redes de energia elétrica e serviços de água e esgotos. Simbolizando a semelhança da capital sul-rio-grandense aos grandes centros urbanos mundiais, outras melhorias aparecem na cidade, como cafés, bondes elétricos, cinemas e automóveis no começo do século XX. De acordo com Monteiro (1995), este ideário de modernidade fazia parte das utopias da burguesia em ascensão nos países industrializados, promovendo, ainda, a instituição de novos valores e de uma nova noção de sociabilidade urbana.

Neste processo de renovação, os esportes que possuíam mais proeminência nos jornais eram, principalmente, a ginástica, o ciclismo e o remo. O turfe, visto como um jogo de azar, também era assunto dos jornais. Aos poucos, o futebol foi adquirindo espaço na imprensa porto-alegrense, assim como os clubes foram se expandindo. Durante a década de 1900, foram fundadas oito associações de futebol (MAZO, 2010).

No final da primeira década do século XX, os clubes de remo também ocupam um espaço significativo no espaço urbano, enquanto as sociedades ciclísticas mantêm suas atividades. A sociedade ginástica (atual SOGIPA) já tinha completado 50 anos de fundação e cada vez mais se afirmava como uma referência regional no campo esportivo.

A ginástica

Uma das primeiras práticas corporais surgidas no Rio Grande do Sul, a ginástica alemã foi pioneira na construção de clubes dedicados ao esporte. Trazida da Alemanha pelos imigrantes que se instalaram no Estado, também foi veículo de divulgação de ideais e cultura. O *turnen*, traduzido por Tesche (2011) para o termo “ginástica”, foi a prática escolhida pelos imigrantes alemães, quando fundaram o primeiro clube em Porto Alegre, a “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867” (SOGIPA). Dentre as manifestações teuto-brasileiras em solos sul-rio-grandenses, a prática do *turnen* foi o principal marco de referência da cultura alemã (TESCHE, 2011).

Em Porto Alegre, segundo Tesche (2011), as atividades culturais desta etnia iniciaram a partir de 1851, sendo a prática da ginástica identificada no início da década de 1860. A primeira sociedade de ginástica foi inaugurada na capital do Estado em 1867 e atualmente é conhecida como SOGIPA. Nesta sociedade, no princípio além da ginástica, era praticado o tiro ao alvo e, posteriormente, o bolão (DAUDT, 1942, p. 7). Tais práticas, somadas a outros símbolos, como a bandeira da sociedade com as mesmas cores da bandeira alemã, produziam representações de identidade em Porto Alegre.

Os clubes esportivos teuto-brasileiros constituíram-se em estratégias de manutenção de práticas e representações culturais alemãs. Reunir-se em um clube, falar o idioma alemão, exercitar-se e praticar esportes são exemplos de como eles realizaram essa manutenção cultural (MAZO, 2003). Ao reunirem-se para o seu

exercício, os teuto-brasileiros construíam representações para além de uma prática corporal, era um meio de educar o jovem para a nação, inculcando preceitos morais e tornando o cidadão um indivíduo saudável (SILVA, 1997).

As associações promoviam eventos, como por exemplo, as Festas de Ginástica, que visava reunir todas as sociedades de ginástica do Estado. A iniciativa desta festividade era da “Liga das Sociedades Ginásticas Alemãs” do Rio Grande do Sul, que procurava congregar, anualmente, as sociedades localizadas em diversas cidades em um único local. A prática de esportes nestes eventos era a tônica central e os representantes da SOGIPA destacavam-se nas disputas (VENCEDORES..., 1907).

Os convites circulavam por meio de jornais locais, como o da inauguração do “campo para exercícios e jogos Gymnasticos” (GYMNASTICA, 1911, p. 1), que demonstra uma preocupação da sociedade de, além de relembrar “os seus” do acontecimento, convidar os “outros” para estarem presentes e acompanharem suas conquistas. A SOGIPA serviu de referência para outras sociedades de ginástica criadas nas cidades marcadas pela forte presença de teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul. Até o princípio do século XX foram registradas aproximadamente 15 sociedades ginásticas no Rio Grande do Sul (MAZO, 2010).

O remo

O primeiro clube de remo porto-alegrense foi fundado em 21 de novembro de 1888, com o nome de *Ruder-Club* Porto

Alegre. Com a fundação do *Ruder-Club* Porto Alegre, o remo se tornou uma prática esportiva institucionalizada no Estado. Seus fundadores eram teuto-brasileiros e o clube utilizou o idioma alemão para comunicação interna, limitando o acesso de pessoas que não falavam o idioma (CLUB..., 1895).

A prática do remo se expande quando é fundado em Porto Alegre, em 1892, o segundo clube de remo com identidade teuto-brasileira: o *Ruder-Verein Germania*. Dois anos após, estes dois clubes uniram-se para a fundação do Comitê de Regatas, com a finalidade de impulsionarem o desenvolvimento do remo. Do mesmo modo que os clubes, o Comitê de Regatas também utilizava o idioma alemão nos seus estatutos, atas, premiações e comunicação interna.

A primeira regata organizada por esta entidade ofereceu o prêmio *Herausforderungpreis* (LICHT, 1986) – em língua portuguesa, o Prêmio do Desafio. Um jornal local, de propriedade de um luso-brasileiro, noticiou a regata e fez um apelo aos seus confrades luso-brasileiros: “que os nossos patricios saibam imitar os clubs referidos, fundando outros e elevando-os pelo estímulo e pela concorrência” (REGATAS, 1895, p. 3). Percebe-se o incentivo à instauração de um clube com identidade cultural luso-brasileira, levando para o esporte as disputas identitárias existentes em outros domínios.

Seu desejo foi atendido, quando um grupo de luso-brasileiros se uniu para a fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, em 1903. Este acontecimento foi amplamente noticiado pelos jornais da época (NOVO..., 1903;

PRIMEIRA..., 1903). Desde o princípio, a comunicação interna era em língua portuguesa, caracterizando-se como o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil (SILVA; MAZO, 2009). Após dois anos desta fundação, um grupo de remadores abandonou o *Ruder Verein Germania*, depois de um atrito com o instrutor pelo fato da comunicação ser no idioma alemão e nem todos entenderem a língua, para a idealização do Clube de Regatas Almirante Barroso. O batismo do clube foi uma homenagem a um militar da Marinha Imperial Brasileira, nascido em Portugal. Porém, entre seus fundadores encontravam-se tanto luso-brasileiros como teuto-brasileiros (CLUB..., 1905; HOFMEISTER, 1979, p. 37).

No fim da primeira década do século XX, Porto Alegre possuía mais dois clubes de remo: *Ruder Verein Freundschaft* e *Canottieri Ducca degli Abruzzi*. O primeiro foi fundado pela iniciativa de um grupo de jovens estudantes, com idade entre 10 e 15 anos, em 1906. Devido à faixa etária dos pioneiros, o clube ficou conhecido como “Clube de Guris” e, desde 1917, denomina-se Grêmio Náutico União (HOFMEISTER, 1979). O segundo, foi criado por ítalo-brasileiros, no ano de 1908, e ficou conhecido na cidade como “clube de remo dos italianos”. O próprio nome do clube representa a identidade, à qual o clube estava vinculado: imigrantes italianos e seus descendentes.

No fim da segunda década do século XX, membros do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, se reuniram para iniciar a fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama, e, tomando a palavra, José da Costa Dias - principal idealizador

deste clube -, propôs “que os fundadores do Vasco da Gama devem ser somente pessoas pertencentes á colônia portuguesa residentes em Porto Alegre”, proposta aceita por todos os presentes (REMO, 1917, p. 2). Outro jornal noticiou: “reuniram-se [...] membros da Colonia Portuguesa, aqui domiciliada, a fim de tratar da fundação do *Club de Regatas Vasco da Gama*” (REMO, 1917, p. 4). Desta maneira, os fundadores do clube se utilizaram da imprensa para construir representações que determinassem uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense para a associação (SILVA, 2011).

O ciclismo

A prática do ciclismo em Porto Alegre começou antes do futebol. Inclusive, alguns clubes de futebol foram fundados pela iniciativa de membros das associações ciclísticas na cidade, que se preocupavam em reproduzir hábitos europeus. Até a primeira década do século XX, havia duas associações esportivas dedicadas ao *bicycletismo*, termo utilizado na época, sinônimo de ciclismo: a União Velocipédica de Amadores, com sua instauração em 1895, por luso-brasileiros e teuto-brasileiros; e a *Radfahrer Verein Blitz*, em 1896 – Sociedade Ciclística *Blitz* -, com fundadores teuto-brasileiros, na sua maioria, associados do *Ruder Verein Germania* (MAZO, 2010), possivelmente, idealizada na busca de uma associação ciclística com identidade cultural teuto-brasileira.

Com o passar do tempo, ocorreram as primeiras disputas entre os ciclistas da União Velocipédica e os da Sociedade *Blitz*. Essas disputas

acabaram por serem marcadas pela rivalidade em função das regras e condutas referentes à identidade de cada uma destas associações. Estas duas associações tinham espaço garantido nos jornais da época, os quais divulgavam seus eventos e incentivavam a prática.

O jornal *Gazetinha*, durante quatro dias seguidos, publicou textos que tratavam do assunto, explicavam e incentivavam a prática, assim como os benefícios para a saúde (BICYCLETISMO, 1898a; BICYCLETISMO, 1898b; BICYCLETISMO, 1898c; BICYCLETISMO, 1898d). As reportagens publicadas pelos jornais seguramente contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento do ciclismo em Porto Alegre. Uma das formas de divulgação foi a de uma relação entre ciclismo e saúde. A partir disso, é possível identificar que a preocupação em adquirir hábitos saudáveis, relacionados com a prática esportiva, começava a ganhar espaços no imaginário coletivo. A bicicleta era apresentada pelos jornais como símbolo de modernidade, justamente em período histórico no qual a cidade de Porto Alegre passava por transformações sociais e urbanas.

Considerações Finais

A ginástica, o remo e o ciclismo estão entre as primeiras práticas esportivas que se destacaram nos clubes de Porto Alegre. Todas estas práticas foram institucionalizadas pelos teuto-brasileiros, sendo a ginástica a primeira delas com a fundação da SOGIPA. A ginástica foi muito utilizada como estratégia de manutenção de costumes alemães pelo clube.

Os primeiros clubes de remo também foram fundados por teuto-brasileiros sendo o *Ruder Club* Porto Alegre, pioneiro na prática deste esporte. Posteriormente, outros grupos, como os luso-brasileiros e ítalo-brasileiros marcaram presença no cenário esportivo porto-alegrense. O remo era uma prática esportiva destacada em relação as demais na cidade, contando com vários clubes e competições.

Os adeptos do ciclismo, também organizaram os seus clubes na cidade. O ciclismo era divulgado como uma prática esportiva que instaurava hábitos saudáveis. É provável que o esporte tenha conquistado certo público devido à atuação da imprensa. Os jornais porto-alegrenses construíram representações das práticas esportivas no imaginário porto-alegrense, relacionando o esporte com medidas de higiene e a modernização de grandes centros mundiais.

Referências

- BICYCLETISMO. **A Gazetinha**, A Federação. Porto Alegre, 26 jun. 1898a.
- BICYCLETISMO. **A Gazetinha**, A Federação. Porto Alegre, 06 jul. 1898b.
- BICYCLETISMO. **A Gazetinha**, A Federação. Porto Alegre, 13 jul. 1898c.
- BICYCLETISMO. **A Gazetinha**, A Federação. Porto Alegre, 20 jul. 1898d.
- CLUB Regatas. **A Gazetinha**, Porto Alegre, 08 set. 1895, p. 1.
- DAUDT, J. C. (redator). **Álbum-Revista Comemorativa ao 75º aniversário da Sociedade Ginástica de Porto Alegre**: 1867. Porto Alegre: SOGIPA, 1942.
- GIG Aquidaban. **A Federação**, Porto Alegre, 2 dez. 1905.
- GYMNASTICA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 04 maio 1911.

HOFMEISTER, C. **Pequena história do remo gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

MAZO, J. **Banco de dados das associações esportivas e de educação física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867-1945)**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2010.

MONTEIRO, C. **Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

NOVO club sportivo. **O Independente**. Porto Alegre, 18 jan. 1903.

PIMENTEL, F. **Aspectos gerais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1945.

PRIMEIRA reunião e instalação. **A Federação**, Porto Alegre, 19 jan. 1903.

REMO. **O Diário**. Porto Alegre, 30 jan. 1917, p. 4.

SILVA, H. **SOGIPA: uma trajetória de 130 anos**. Porto Alegre: Palloti, 1997.

SILVA, C. **O remo e a história de Porto Alegre: mosaico de identidades culturais no longo século XIX**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade do Rio Grande do Sul, POрто Alegre, 2011.

SILVA, C.; MAZO, J. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: o primeiro clube "brasileiro" de remo em Porto Alegre (1903-1923). **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 109-129, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://vomer2.eefd.ufrj.br/~revista/index.php/EEFD/article/view/23/62>. Acesso em: 29 ago. 2011.

TESCHE, L. **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. 1ª ed. Coleção Educação Física. Ijuí: Unijuiú, 2011. 134 p.

VENCEDORES do 5º torneiro gymnastico. **Revista Esportiva**, Porto Alegre, 1907.

Figura 1 - Remadores



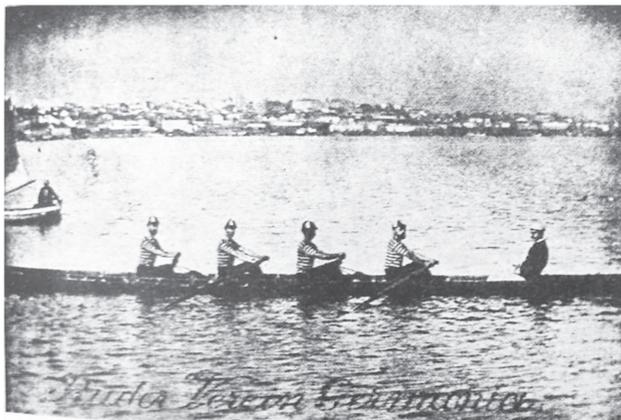
Fonte: HOFMEISTER, 1979

Figura 2 - Remadores



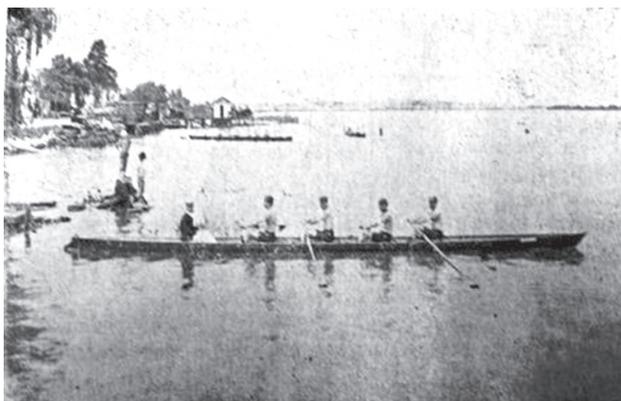
Fonte: PIMENTEL, 1945

Figura 3 - O remo



Fonte: PIMENTEL, 1945

Figura 4 - O remo



Fonte: GIG..., 1905

O Porto e a Fronteira: Notas Sobre o Pioneirismo do Futebol do Interior Gaúcho

Luiz Carlos Rigo¹

História e Futebol

O Esporte Clube Rio Grande ocupa um lugar de destaque na historiografia do futebol brasileiro. Fundado em 19 de julho de 1900, o Vovô (como carinhosamente também é chamado) é reconhecido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) como o clube de futebol em atividade mais antigo do Brasil. O segundo clube mais antigo é a Associação Atlética Ponte Preta (a Macaca), da cidade de Campinas (SP), fundado em 11 de agosto de 1900.

No Rio Grande do Sul, além do Vovô, inúmeros outros clubes, tanto da capital (Porto Alegre) como do interior, contribuíram para a historiografia do futebol Gaúcho. Assim, partindo desse

¹ Professor da Escola Superior de Educação Física da UFPEL. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais em Educação Física.

pressuposto, este texto tomou como referência o S. C. Rio Grande e outros episódios futebolísticos pioneiros do interior do estado do Rio Grande do Sul para construir uma narrativa sobre a emergência e a consolidação do futebol gaúcho no interior do estado no início século XX.

Sport Club Rio Grande (Vovô)

O Jornal Zero Hora de 19 de Julho de 1999 destaca que o primeiro convite para a fundação do Sport Club Rio Grande foi feito pelo jovem imigrante alemão Johannes Christian Moritz Minnemann (1875-1929). O convite anunciava que “às 9h30min do dia 14 de julho de 1900, no campo do Club de Tiro Alemão” iria ocorrer uma partida de futebol e após o jogo “haveria uma reunião para discutir a fundação de um clube de futebol”¹.

A partida anunciada por Minnemann aconteceu conforme o previsto e atualmente ela é considerada a primeira partida de futebol moderno do Estado do Rio Grande do Sul².

Para descrever algumas peculiaridades desse jogo, o jornal Zero Hora recorreu a uma entrevista concedida em 1972

¹ Centenário..., 1999.

² Há alguns indícios de que antes dessa partida possam ter ocorridas outras, mais informais, menos planejadas e com raros registros históricos. Ramos (2000) afirma que jogos de futebol improvisados já ocorriam na cidade desde 1895.

por Oscar Schimitt, um dos fundadores do S.C. Rio Grande que participou da partida. Oscar contou que “o público acomodou-se como podia para ver as duas equipes, formadas por rapazes de sobrenomes estrangeiros, como Kladt e Bornhorst”. E acrescentou: “o primeiro jogo oficial de futebol do Rio Grande do Sul durou 110 minutos e terminou com vitória de 4 a 3 para um dos times” (Centenário..., 1999a).

Apesar de o jogo ter ocorrido conforme planejado, a reunião prevista e anunciada não aconteceu. Assim, Minnemman refez a convocação para o dia 19 de junho de 1900, dessa vez na sede do Clube Germânia (1863), quando se oficializou a fundação do S.C. Rio Grande como um clube poliesportivo, (Centenário..., 1999b, p. 4).

No início do século XX, Rio Grande era um polo de trocas econômicas e socioculturais. Vários navios que aportaram na cidade, além das cargas e dos tripulantes, trouxeram bolas de futebol, uniformes, estatutos de clubes esportivos, regamentos impressos do futebol e jornais europeus que comentavam e incentivavam a prática do novo esporte. Junto com esses componentes do futebol moderno chegaram também os primeiros futebolistas, que haviam praticado o futebol no velho continente. Nesse sentido, sem menosprezar a importância que tiveram indivíduos como Minnemman, a condição de cidade portuária foi fundamental para Rio Grande se tornar um polo pioneiro do futebol brasileiro.

Nesse processo pioneiro, os migrantes europeus e os seus descendentes desempenharam um papel fundamental, como

pode ser percebido pela presença destacada que possuem os alemães e os ingleses entre os nomes que constam na lista oficial dos fundadores do S. C. Rio Grande³.

Após a sua fundação, o S. C. Rio Grande tornou-se um “embaixador” do futebol. O clube realizou partidas demonstrativas, participou de festas esportivas e contribuiu para a fundação de outros clubes. Essas atividades ocorreram em Rio Grande, Bagé, Pelotas, Porto Alegre e em outras cidades da região.

Desses acontecimentos pioneiros, alcançaram significativa repercussão os dois jogos que o clube disputou contra os tripulantes do navio Inglês Nymph, em 18 e 22 de maio de 1901. Alguns os consideram as primeiras partidas amistosas internacionais do futebol brasileiro, pois a partida que a CBF reconhece como a primeira, ocorrida em 14 de abril de 1895 entre a Railway Team e o São Paulo Gás Team, apesar dos jogadores envolvidos serem estrangeiros, muitos residiam no Brasil (Centenário..., 1999c).

Entre as “excursões futebolísticas” realizadas para outras cidades, destaca-se a primeira viagem que o clube fez para Porto Alegre, em um barco a vapor, em setembro de 1903, para participar de uma festa

³ Alfredo Kladt, H. Benz, André Legeren, Júlio Ernst, Boje Schimidt, Oscar Schimidt, Charles Darley, Rodolfo Dietiker, Ehmer Schwammerkung, F. Reiner, A. Scheneider, Gustavo Pooch Jr., Henrique Buhle, Amadeu Schimidt, A. M. Trail, Johannes Minnemann, Max Bornhorst, G. Bernitt, Eduardo Baethegen, R. Bernitt, Eugen Kunz, Sinclair Robinson, Gustavo krammer, W. Lorentzen, Álvaro Ubatuba, H. Volker, Arthur C. Lawson, Manoel E. Castro, Carlos Nieckele, Otto Heur, Rud Kladt, E. Lohmann, Gustavo Pooch, Sequeira, Gustavo Kladt, Walter Gerdeau, G. R. Stewart” (RAMOS, 2000, p. 18).

esportiva/cultural organizada por vários clubes da capital. Como parte da programação do evento, no dia 7 o S. C. Rio Grande realizou um jogo demonstrativo entre as suas equipes A e B. Esse jogo contribuiu para a fundação, dias após, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, em 15 de setembro de 1903 (Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, 2012).

As festas esportivas, os jogos de exibição ou “exercícios de football” (como eram denominados na época as partidas entre as equipes A e B de um mesmo clube) e outras atividades futebolísticas que o S. C. Rio Grande realizou após a sua fundação ajudaram a disseminar o futebol no estado e legitimou Rio Grande como uma cidade pioneira do nosso futebol.

Esse pioneirismo fortaleceu o futebol da cidade portuária. Consolidou-se em Rio Grande um futebol vitorioso que estendeu as suas façanhas por mais alguns anos, como ilustram os títulos estaduais conquistados pelos três clubes de futebol profissional da cidade: Sport Clube Rio Grande, (fundado em 19/07/1900) campeão estadual em 1936; Sport Club São Paulo (fundado em 04/10/1908)⁴, campeão estadual em 1933 e o Football Club Riograndense (fundado em 11/07/1909), campeão estadual em 1939.

⁴ O SC São Paulo foi fundado por um grupo de funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) e se caracterizava por ser um clube menos elitista do que o seu principal rival o SC Rio Grande.

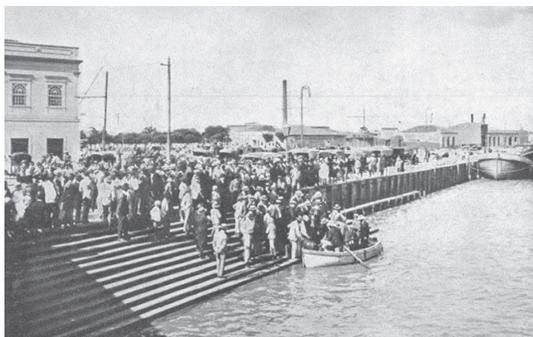
Figura 1: A propaganda de uma loja especializada em futebol da cidade de Rio Grande, publicada no principal jornal de Pelotas em 1912, evidencia a adesão que esse esporte já tinha alcançado em toda a região.



Fonte: Jornal Diário Popular, 29 de set. 1912.

Pelotas: cidade portuária, cidade do futebol

Figura 2: Recepção ao G. E. Brasil no Porto de Pelotas (1921). Juntos aos bondes e aos trens o transporte marítimo também teve um papel de destaque na propagação do futebol.



Fonte: ÁLBUM, 1922, p. 52.

Pelotas é outra cidade histórica do futebol gaúcho. Assim como Rio Grande, no início do século XX, ela também ocupava um lugar de destaque no cenário político, econômico e cultural do estado. O movimentado porto de Pelotas foi um centro de trocas socioeconômicas, culturais e futebolísticas com São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires e com a Europa⁵.

A proximidade de Rio Grande favoreceu a formação de uma cultura futebolística entre as duas cidades. Essa cultura começou com o jogo demonstrativo realizado pelo S.C. Rio Grande em Pelotas no Parque Pelotense, em 1901⁶, prosseguiu com os jogos amistosos entre os clubes das duas cidades e culminou com uma rivalidade futebolística que persiste atualmente.

Entre as particularidades pelotenses destaca-se a organização das ligas de futebol. A Liga Pelotense de Foot-ball (LPF), fundada em 1907, foi a primeira liga organizada na cidade. Atualmente ela chama-se Liga Pelotense de Futebol Amador (LPFA). A partir de 1913, a LPF começou a prover o campeonato da cidade. Participaram da primeira edição desse campeonato: E. C. Pelotas, G. E. Brasil, S. C. Rio Branco, S. C. União e G. S. Guarany.

Como as condições estabelecidas pela LPF excluía a maioria dos clubes da cidade, fundaram-se outras ligas. Assim,

⁵ Algumas considerações sobre as singularidades históricas da cidade de Pelotas ver: MAGALHÃES, 1999.

⁶ Essa partida foi realizada como parte da festa de posse da nova diretoria da Associação União Gaúcha e é considerada como a primeira partida de futebol que ocorreu em Pelotas (Jornal Diário Popular 05 out. 1901; Jornal A Opinião Pública 07 out. 1901).

em 1922 existiam em Pelotas quatro ligas: Liga Pelotense de Foot-ball, Liga Cassiano do Nascimento, Liga Acadêmica e Liga José do Patrocínio⁷ (ÁLBUM..., 1922, p. 52).

Essa forma, bastante avançada para a época, de organizar o futebol a partir de ligas e campeonatos citadinos contribuiu para a formação de uma singular rivalidade entre os dois principais clubes da cidade, o G. E. Brasil⁸(1911) e o E. C. Pelotas (1908)⁹. Essa rivalidade transformou o clássico Bra-Pel (Brasil versus Pelotas), que começou a ser disputado a partir de 1914, em um intenso derby do interior do estado.

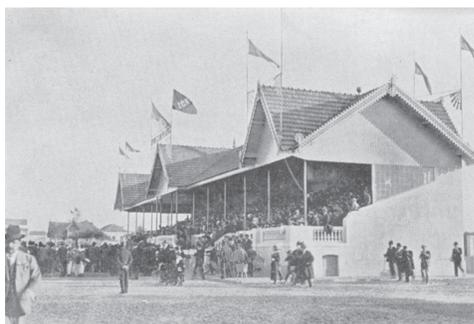
⁷ Essa liga também ficou conhecida como a “liga dos negros”. Contabilizando todas as equipes de cada clube, as quatro ligas totalizavam sessenta e nove equipes de futebol. Além desses, ainda havia os clubes e associações que não faziam parte de nenhuma liga.

⁸ O G. E. Brasil foi fundado no dia de 7 de setembro de 1911 a partir de uma dissidência no Sport Club Cruzeiro do Sul, equipe formada por funcionários da Cervejaria Haertel. Por ser um dos primeiros clubes a aceitar jogadores negros, na década de 1920 ele foi apelidado de o clube dos “Negrinhos da Estação”. O primeiro negro a jogar no clube foi Valdomiro Victório (Babá), em 1917. O G. E. Brasil também é conhecido pelo codinome de Xavante, apelido que começou a ser construído a partir de um clássico Bra-Pel que ocorreu em 28 de Julho de 1946. Em 1985 o clube conseguiu a façanha de ficar em terceiro lugar no Campeonato Brasileiro, desclassificando equipes como Bahia, Ceará e Flamengo (RIGO, 2010).

⁹ O E. C. Pelotas foi fundado em 11 de outubro de 1908 a partir de uma fusão entre Club Sportivo . Internacional (1906), Club Sportivo (1906) e o Foot-Ball Club (1906). Nas primeiras décadas do século XX, o clube ficou conhecido por sediar importantes eventos esportivos e por trazer jogadores renomados de outras localidades, inclusive antes da oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro, que ocorreu em 1933. Entre os jogadores que o clube trouxe de fora destaca-se o goleiro paulista Tufy, em 1919, que pertencia à Seleção Brasileira e vários jogadores uruguaios como: Norberto Ojeda e os irmãos Augusto e Jun Bertoni em 1915; Felipe Insagaray em 1916; Antonio Brienza em 1917; Francisco Varella (El Pancho) em 1918; Cabelli e Alberto Ferreira em 1919 e o zagueiro Borches em 1925, (DINIZ, 2009).

A cultura de ligas e campeonatos citadinos fortaleceu o futebol local e possibilitou que, principalmente na primeira metade do século XX, os clubes da cidade alcançassem reconhecimento e títulos estaduais: G.E. Brasil, campeão estadual em 1919; E.C. Pelotas, campeão estadual em 1930; G.A. Farroupilha¹⁰, campeão estadual em 1935.

Figura 3: O pavilhão do Esporte Clube Pelotas, situado na Avenida Bento Gonçalves (local onde hoje é o estádio do clube), inaugurado em 1917, era um dos mais modernos do estado. Além de um campo oficial de futebol ele contava também com uma pista de patinação, quadras de tênis e outros espaços sociais.



Fonte: Revista Almanaque de Pelotas, 1918, p. 29.

¹⁰O G. A. Farroupilha foi fundado por militares em 26 de abril de 1926, com o nome de Grêmio Atlético 9º RI (Regimento de Infantaria), uma alusão aos vínculos que o clube mantinha com a instituição militar. A partir de 1941 o clube passou a se chamar G. A. Farroupilha, em homenagem ao título de campeão estadual conquistado em 1935, ano das comemorações do centenário da Revolução Farroupilha. A estratégia utilizada pelo clube para montar uma equipe forte na década de 1930 consistiu em garimpar bons jogadores nas outras cidades e os convidar para prestar o serviço militar em Pelotas. Desses jogadores o que mais se destacou foi Cardeal (Sezefredo Ernesto da Costa), um exímio artilheiro natural de Santa Vitória do Palmar, RS. Além do G. A. Farroupilha ele jogou também na Seleção Gaúcha, na Seleção Brasileira, no Nacional de Montevideú e no Fluminense do RJ (RIGO, 210).

Figura 4: G. E. Brasil campeão citadino em 1917. Nessa equipe destaca-se a presença de Valdomiro Victório, também conhecido como Babá, o primeiro jogador negro a atuar no G. E. Brasil. Em pé: Faria; Proença; Gerlach; Ignácio e Darnin. Agachados: Floriano, Babá e Alvariza. Sentados: Zabaleta; Franck e Chico Nunes.



Fonte: Revista Brasil Gigante, 1971, p. 21.

Figura 5: Mulheres no pavilhão do E. C. Pelotas. Apesar do futebol ainda não ser um esporte feminino, as mulheres também frequentavam os estádios que eram um ponto de encontro das elites da cidade e um palco da moda feminina da época.



Fonte: Revista Ilustração Pelotense, 1920, p. 3.

Futebol transnacional

Jogamos com o Peñarol, com o Nacional. O Pelotas jogou lá em Montevideú e o Brasil Também. É interessante porque tinha jogadores uruguaiois famosos aqui. (Mozzilo, 1999)

Os apontamentos que destacamos sobre o futebol de Pelotas e de Rio Grande revelam o lugar de destaque dessas duas cidades na historiografia do futebol gaúcho. Além dos clubes que foram citados, ficaram de fora muitos outros, como é o caso do Sport Club Juvenil, de Pelotas, um clube de negros que venceu mais de uma vez o campeonato da Liga José do Patrocínio (Liga dos Negros), que começou a ser disputado a partir de 1919¹².

Outro clube que merece ser lembrado é o Esporte Clube 14 de Julho da cidade de Santa do Livramento. Fundado em 14 de julho de 1902, ele é o segundo clube mais antigo do estado e o terceiro do país. Por estar localizado em uma cidade fronteiriça, que faz divisa terrestre com a cidade uruguaia de Riveira, o Leão da Fronteira (apelido que recebeu no ano de 1914) sempre manteve constantes vínculos com o futebol uruguaio, (ESPORTE..., 2012).

¹² Indícios apontam que o Sport Club Juvenil, um clube específico de negros que é pouco citado nos jornais da cidade, intensificou as suas atividades de futebol no ano de 1912, pois foi nesse ano que o clube solicitou autorização para arar um terreno para fazer o seu “groud” (campo) (Jornal Diário Popular 09 maio 1912).

As trocas culturais e futebolísticas com o vizinho Uruguai influenciaram também na fundação do primeiro clube de futebol na cidade de Pelotas, o Atlético Foot-Ball Club, em 1904. Esse acontecimento teve a iniciativa de Octávio Mascarenhas, e ocorreu após ele retornar de uma viagem que fez a Montevideú com bolas, bandeiras e regras de futebol (ALVES, 1984).

Enfim, a partir de múltiplos indícios históricos é possível concluir que no início do Século XX emergiu e vigorou no interior gaúcho um futebol mestiço, influenciado pela tradição esportiva europeia e pela cultura futebolística platina (uruguaia e argentina). Um pioneiro futebol transnacional¹³.

Referencias

ÁLBUM da cidade de Pelotas. Pelotas, 1922. Biblioteca Pública de Pelotas.

ALMANAQUE de Pelotas. Pelotas, 1918.

ALVES, E. M. **O Futebol em Pelotas**, 1901 -1941. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

CENTENÁRIO do S.C. Rio Grande. **Zero Hora**, Porto Alegre. 23 ago. 1999c. Caderno de Esportes.

_____. **Zero Hora**, Porto Alegre, 09 ago. 1999b. Caderno de Esporte.

13 Para maiores considerações sobre os diálogos que o futebol dessa região estabeleceu com o futebol argentino e uruguaio consultar: “Memórias de um futebol de fronteira” (RIGO, 2004).

_____. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4, 19 jul. 1999a. Caderno de Esporte.

DINIZ, C. F. S. (Org.). **Esporte Clube Pelotas**: Livro oficial do centenário. Pelotas: Palloti, 2009.

ESPORTE CLUBE 14 DE JULHO. **Sítio oficial**. (<http://www.14dejulho.com/index.php/esporte-clube-14-de-julho.html>). Acesso em: 3 maio 2012.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. **Sítio oficial**. (<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>) Acesso em: 3 maio 2012.

ILUSTRAÇÃO Pelotense, v. 2, n. 2, 1920.

JORNAL A Opinião Pública, Pelotas, 7 out. 1901. Biblioteca Pública de Pelotas.

JORNAL Diário Popular, Pelotas, 29 set. 1912. Biblioteca Pública de Pelotas.

_____, Pelotas, 5 nov. 1901. Biblioteca Pública de Pelotas.

_____, Pelotas, 9 maio 1912. Biblioteca Pública de Pelotas.

MAGALHÃES, M. O. **História e tradição na cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MOZZILO, V. **Memórias do futebol pelotense**. Pelotas, 1999. Entrevista concedida a Luiz Carlos Rigo.

RAMOS, M. G. **Sport Club Rio Grande**: centenário do futebol brasileiro. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

REVISTA Brasil Gigante. Edição, Pelotas, n. 1, 1971.

RIGO, L. C. Esporte Clube Pelotas. In: LONER; GILL; MAGALHÃES (Org.). **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: Editora Universitária da UFPel, 2010. p. 114 -115.

_____, Grêmio Atlético Farroupilha. In: LONER; GILL; MAGALHÃES (Org.).

Dicionário de História de Pelotas. LONER; GILL; MAGALHÃES, (Orgs.).

Pelotas: Editora Universitária da UFPel, 2010. p. 132 -133.

_____, Grêmio Esportivo Brasil. In: LONER; GILL; MAGALHÃES (Org.). **Dicionário de História de Pelotas.** LONER; GILL; MAGALHÃES, (Orgs.). Pelotas: Editora Universitária da UFPel, 2010. p. 133 -135.

_____, **Memórias de um futebol de fronteiras.** Pelotas: Editora Universitária da UFPel, 2004.

A dimensão lúdica do esporte: as praças e parques, os jardins de recreio e colônia de férias

Eneida Feix¹

O Lúdico que humaniza

O ser humano precisa do lúdico para se desenvolver, pois, desde criança, através do brincar, vai entendendo o seu mundo, lidando com seus medos, aprendendo seus limites, relacionando-se com o outro, resolvendo situações-problema e criando novas possibilidades.

Muitos autores contemporâneos definem o lúdico como um estado de prazer, com razão própria de ser, contendo em si mesmo o seu objetivo. As crianças brincam por brincar, seu interesse vem

¹ Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Corpo (GRECCO) e Mestre em Ciências do Movimento Humano. Formadora do Ministério do Esporte e Coordenadora da Divisão Esporte Participação Fundação do Esporte e do Lazer da Secretaria Estadual de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.

de uma motivação interna de curiosidade e experimentação, podem se sujeitar às regras externas, mas jamais vão brincar sem desejo. Santo Agostinho em “Confissões”, (MAURIRAS-BOUQUET, 1991) já referenciava o lúdico como eminentemente educativo no sentido em que constitui a força impulsora de nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, princípio de toda a descoberta e de toda a criação.

A visão de lúdico e a importância do ato de brincar já eram valorizados na Antigüidade; ultrapassam os tempos, permanecem nas culturas, mantendo-se os jogos e as brincadeiras de caráter universais. Existem referências do século I dC. quanto a utilização de jogos e brinquedos como cavalo de pau, par ou ímpar, cara ou coroa, carrinhos de madeira, montagem de casinhas (MEDEIROS, 1975).

Conforme Ariès (1981) na França, 1601, já eram relatadas as brincadeiras que Luis XIII utilizava na primeira infância: o cata-vento, o pião, as cartas, o xadrez, miniaturas de madeira e jogos de bola.

As crianças do oriente ou ocidente brincam com os mesmos brinquedos: a pipa, as rodas cantadas, o cabo de guerra, as sapatas ou amarelinhas. Naturalmente, existem algumas brincadeiras próprias de cada região, em função de características de clima, relevo e cultura.

Com o advento da era da informática, os brinquedos virtuais aparecem tomando conta de quase todo o tempo livre das crianças. Não nos cabe rejeitá-los; no entanto, precisamos possibilitar vivências lúdicas corporais em vários ambientes e espaços, com materiais e equipamentos múltiplos, que vão

efetivamente contribuir para o desenvolvimento infantil de forma plena e integral.

Segundo Bousquet, (apud UM OÁSIS..., 1991), o impulso lúdico - também chamado de impulso de curiosidade ou de exploração - dá à espécie e ao indivíduo evidente vantagem de seleção natural; afirma, também, que a capacidade e o hábito de explorar ao acaso o meio-ambiente resultam em situações de instrução e enfrentamento de imprevistos.

De fato, o que diferencia o homem das outras espécies é a sua imaturidade neurológica e funcional. Nasce despreparado até para respirar. Diferente dos outros animais, ele precisa amadurecer, dos atos reflexos aos conscientes e dirigidos. Nas relações sociais ele sai da simbiose materna para a individualidade e vida em grupo. Mas o fantástico, quando se pensa na condição vulnerável e de maturação do ser humano, nos primeiros anos de vida, é que esta vai permitir-lhe possibilidades imensas de adaptações, criações, associações, resoluções de problemas e interferências no seu cotidiano. (FEIX, 2000)

Huizinga (2001) refere-se ao "homo ludens", dentre outras dimensões humanas, pois é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. O autor refere-se ao jogo como um fenômeno cultural de importância fundamental na vida das pessoas.

Abordando o ato de brincar, Santin (2001) afirma que não restam dúvidas que este fenômeno é conhecido e pode ser observado numa infinidade de aspectos, de formas e organizações de como se manifesta e se concretiza na vida humana. O brinquedo é visto como ação de um sujeito criador

que denuncia uma mudança radical do comportamento habitual de um ser vivo.

Conforme Schiller, (apud SANTIN 2001), é incontestável o fato de que o indivíduo atingiu a condição humano pela invenção do brinquedo [...].“De todos os estados do homem é o jogo, e somente ele, que o torna completo e desdobra de uma só vez sua natureza, sensível e racional[...] Quando o homem se encontra em um *estado de jogo*, poderá, através da educação estética que o leva a contemplar o belo, desenvolver-se plenamente em suas potencialidades intelectuais e sensíveis”.

Assim sendo, para o desenvolvimento das potencialidades lúdicas considero que a cidade deve ter espaços públicos como parques e praças, dotados de equipamentos para as diversas faixas etárias, onde possibilite atividades físicas, esportivas, recreativas e culturais para que a população possa desfrutar no seu tempo de lazer.

A dimensão lúdica do esporte como direito do cidadão e dever do estado

O esporte, como uma das atividades de lazer, ou na dimensão educacional, rendimento e profissional tem sido um componente importante na vida das pessoas, e, tanto nas cidades, quanto no meio rural tem gerado infinitas possibilidades de intervenções e relações, movimentando,

desde a prática mais livre, até o rendimento e grandes espetáculos nas arenas, estádios, ginásios, pistas, e quadras. O esporte tem demandando o avanço da tecnologia industrial, o estabelecimento de culturas universais, o turismo e conseqüentemente tem gerado empregos e altas movimentações financeiras.

Conforme Santin (2001), “o esporte hoje faz parte da cultura do movimento humano; enquanto fator decisivo no processo de socialização do ser humano possui funções sócio-culturais e políticas”. Para o autor, a sociologia do esporte vê este como uma atividade lúdica que participa intensamente da criação do imaginário humano, ajudando a integrar cada indivíduo na dinâmica social.

Hoje o esporte é fenômeno social cada vez mais emergente e característico das sociedades contemporâneas.

O esporte tem várias dimensões, chegando até a ser utilizado como mercadoria muito rentável. Possibilita ascensão social, o sucesso, a fama, o espetáculo, a formação de atletas, a identificação com ídolos, gera emoções e faz o enriquecimento de alguns. Entretanto, o esporte também pode propiciar o doping, a violência, a derrota, a corrupção, a decepção, a frustração, a exclusão e até a morte, dependendo do caráter e interesses da sua atuação.

O esporte ainda pode ser celebração, festa, conagraçamento, superação de limites, desenvolvimento, educação, aprimoramento, aprendizagem de regras e técnica. Pode também viabilizar a liberdade, a vitória, a beleza, a solidariedade, a inclusão e a globalização.

Penso que o esporte é um meio importante de inclusão social, de oportunidades múltiplas de aprendizagens e desenvolvimento humano. É uma linguagem da cultura corporal que pode interagir na vida das comunidades. Santin (2001) ainda relata: “as significações dadas ao movimento humano e desenvolvimento do corpo nas atividades esportivas estão intimamente associadas às experiências existenciais e às práticas do mundo social”.

Para o autor, os espaços esportivos, assim como o espaço de trabalho, guardam relações diretas com a vida individual e social. Na visão da antropologia, o esporte mostra a vinculação existente entre as manifestações lúdicas do ser humano enquanto criações simbólicas que garantem o seu distanciamento do comportamento animal e inauguram o processo de sua humanização como expressão de harmonia, arte e beleza.

Tenho a convicção que a vivência do esporte pode ser em qualquer idade e para qualquer pessoa, independente de suas limitações físicas, emocionais, mentais ou de faixa etária, bastam criar situações de acessibilidade e propiciar vivências prazerosas, onde as potencialidades superem os limites de qualquer natureza.

Acredito que as cidades devem investir muito na democratização das práticas esportivas, em todas as dimensões, como a qualificação de recursos humanos especializados, formação continuada dos profissionais, implementação de esporte de qualidade na educação básica.

Deverão ser implementados espaços e equipamentos que possam ser desenvolvidos projetos e programas para todas as idades, além de vários eventos com apoio e parcerias das mais diversas instituições.

A importância da comunidade em interagir nos espaços públicos de lazer e praticar o esporte, com utilização plena e democrática, é fundamental. Isso possibilita melhorar a qualidade de vida, a busca do prazer, ampliação do relacionamentos, qualificação da saúde, novas aprendizagens de prática esportivas e possibilidade de recreação. O esporte como uma das atividades de lazer deve estar à disposição da comunidade, com forma de políticas públicas para gerir, fomentar, manter, criar espaços e organizá-los, na dimensão adequada, com acessibilidade e mobilidade universal, em todas as cidade e também nos meios rurais.

Remexendo na história das praças e parques de Porto Alegre como elemento de contribuição da vida esportiva dos cidadãos, há mais de 80 anos

Porto Alegre, há mais de 80 anos, nos idos do século passado, em 1926, teve construído o 1º “Jardim de Recreio”² que também foi uma proposta pública pioneira no Brasil. Localizado na Praça General Osório, conhecida como “Alto da Bronze”, foi idealizado, pelo Professor Frederico Gaelzer, influenciado pela sua formação nos Estados Unidos, e mobilizado por um

² FEIX, 2003.

movimento internacional de valorização da recreação e lazer como meio de melhoria da qualidade de vida das grandes cidades da América e da Europa, Gaelzer trabalhou por 35 anos, sempre dedicando-se a coordenar e implantar programas e projetos esporte e recreação na capital gaúcha.

Imagem 1: Notícia



Fonte: Jornal Diário de Notícias, 31 mar de 1929.

No "Jardim de Recreio" existia, entre outras coisas, "Jardim de Infância", biblioteca, vestiários femininos e masculinos, quadras esportivas e pracinha para crianças com vários equipamentos. Posteriormente, estes locais de recreação se multiplicaram em mais seis, que funcionam até hoje com

escolinhas infantis em nossa cidade. São eles: Praça Pinheiro Machado, Praça Florida, Praça Dr. Montaury, Praça Jayme Telles, Praça Garibaldi e Praça São Geraldo. Por outro lado, os espaços de áreas verdes na cidade formaram uma rede de novas praças, grandes parques, balneários e centros comunitários, tornando a capital gaúcha como uma das cidades com mais área verdes, praças e parques do Brasil.

Naquela época, havia o entendimento de se construir a praça perto de uma escola para que as crianças e os jovens fizessem recreação, brincassem em turno alternativo, aprendessem esportes, praticassem a leitura e se relacionassem. Desenvolviam-se, também, atividades no turno vespertino para contemplar o lazer do trabalhador, além de eventos culturais como teatro, apresentações da Banda Municipal e festas temáticas, notadamente, a da Primavera e das Nações. Aconteciam, ainda, campeonatos esportivos “Inter-Praças”, onde o basquete e vôlei, e o tênis tiveram muita evidência e sua prática popularizada, mobilizando as famílias, as escolas e a comunidade, o que propiciava autêntica conotação de conagraçamento e interação entre as praças e bairros de Porto Alegre.

A coordenação deste trabalho ficava a cargo do Serviço de Recreação Pública – SERP. Os princípios que norteavam o Serviço eram alicerçados em ideais democráticos e progressistas, conforme a “Plataforma para um Programa de Recreação Pública”, elaborada pelo Professor Gaelzer (1951). Seu conteúdo incluía as possibilidades, necessidades, abrangência, fins, organização,

recursos humanos e financeiros havendo também, a preocupação com a formação e qualificação dos funcionários da Recreação Pública. Esta “Plataforma” pôde servir e ainda hoje como referência no planejamento de políticas públicas de lazer para as cidades, devido a sua atualidade, abrangência e objetividade.

Gaelzer possuía uma visão de planejamento avançada para a época, manifestando a preocupação de articulação com a sociedade civil, valorizando o trabalho comunitário e voluntário.

O trabalho iniciado pelo professor difundiu-se ao longo destes mais de 80 anos, com a criação de várias praças e parques na cidade. A partir do pioneirismo de Gaelzer e do esforço das gerações subseqüentes, viabilizou-se uma cultura de utilização permanente destes espaços pela comunidade porto-alegrense em seu tempo livre.

A interface com a sociedade era valorizada, tanto no sentido de apoio financeiro, quanto na compreensão da importância da recreação para a comunidade.

Atualmente, sob os cuidados da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, estes serviços atendem anualmente em torno de um milhão de pessoas, das diversas faixas etárias, tanto em trabalhos sistemáticos como assistemáticos de Porto Alegre.

Muitos municípios em nosso estado já viabilizam ações de políticas públicas de esporte e lazer. É fundamental que o trabalho destas políticas deva ser realizado por órgão específico,

responsável em efetivar programas e projetos, a partir das demandas e necessidades das comunidades. As atividades deverão ser direcionadas para todas as faixas etárias, sem discriminação de qualquer espécie, priorizando a inclusão, a democratização do acesso, a ressignificação de espaços públicos e construção de novos equipamentos para aprendizagens, prática, treinamento esportivo e exercício do lazer.

Cabe a cada cidadão demandar e participar dessa política em todas as instâncias, exercendo a cidadania e utilizando-se do direito constitucional, conforme artigo 217, da Constituição Brasileira, para viabilizar a potencialização do lazer e do esporte, gerando mais participação, integração, congraçamento, tanto nas competições esportivas, como nas atividades socioculturais, onde conseqüentemente estas ações promoverão um maior desenvolvimento integral dos municípios.

Referências

ARIËS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: L.T.C., 1981.

FEIX, Eneida. **Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX** a institucionalização da Recreação Pública. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

FEIX, Eneida. Reflexões sobre o lúdico: o ato de brincar, in: RODRIGUES, Rejane Penna, **O brincaalhão**: uma brinquedoteca itinerante, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GÄELZER, Frederico Guilherme. Recreação Pública. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, p. 44, 1951.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MAURIRAS-BOUQUET, Martine. Brincadeiras e jogos. **Correio da Unesco**, n 170, jul 1999.

SANTIN, Silvino. **Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: Est, 2001.

O protagonismo da Escola de Educação Física na formação de professoras e professores no Rio Grande do Sul¹

Vanessa Bellani Lyra²

Introdução

Neste capítulo que hora apresentamos, as memórias do esporte sul-rio-grandense vêm à tona por meio da formação de professores especializados para a atuação no campo. Ao tratarmos da formação de professores de Educação Física no

¹ Esta pesquisa é parte da Tese de Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da ESEF/UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo, coordenadora do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física, vinculado a esta instituição.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física da ESEF/UFRGS. Professora do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade de Caxias do Sul.

estado do Rio Grande do Sul, não poderíamos deixar à margem a primeira instituição que ocupou um relevante lugar: a Escola de Educação Física (ESEF)³. Além disso, a ESEF, durante quase 30 anos, foi a única instituição no Estado, que formou profissionais para atuar no campo da Educação Física.

A história desta instituição educacional não pode ser considerada uma história única, cujo enredo vai se desenrolando de forma linear à medida que ações humanas produzem seus efeitos. Antes disso, é necessário considerarmos que por se tratar de uma instituição educacional septuagenária, ou seja, inscrita em um tempo e espaço de 70 anos de existência, nos instiga a perceber sua história pela ótica da continuidade e da permanência, mas também, pelo movimento inevitável das descontinuidades e rupturas. Desse modo, nossa narrativa historiográfica acerca da ESEF torna-se uma pesquisa que se aloca dentre aquelas que se propõem a investigar a história de instituições escolares (WERLE, 2004) as quais, inseridas em um contexto social particular, serviram-se à função precípua de formar professores.

³ Em contato com as fontes históricas referentes à criação da ESEF, pudemos perceber a inconstância na legitimidade do nome da instituição: no livro de matrículas da Escola, do ano de 1940, encontra-se registrado “Escola Superior de Educação Física”; no livro de Assentamento dos Professores e Funcionários, do ano de 1943, encontra-se registrado “Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul”; no livro de Registro de Graus, do ano de 1946, encontra-se registrado “Escola de Educação Física”. Por fim, em circulares endereçadas ao diretor da Escola, em 1950, encontra-se registrado “Escola de Educação Física de Porto Alegre”. Nos limites deste estudo, optamos por adotar a denominação “Escola Superior de Educação Física”(ESEF), por uma mera questão de identificação de nosso objeto.

Ainda, faz-se importante salientar que o reconhecimento e a validade de novas versões sobre nosso objeto de estudo, bem como a utilização de fontes históricas que anunciem procedências e naturezas diversas são elementos que compõem uma forma particular de apropriação da História, da qual procuramos aqui nos aproximar, a saber, a Nova História Cultural (BURKE, 2005). Deixando-nos conduzir pelos contornos desta abordagem histórica, o tanto quanto nos fora possível, uma vasta gama de fontes históricas foi consultada para esta construção: tratou-se da incursão às leis, às atas de fundação, livros de registros, decretos, periódicos especializados, dentre outras. Tais fontes foram submetidas à análise documental, cujas informações são apresentadas a seguir.

Assim, tendo como objeto central de análise a Escola Superior de Educação Física, atualmente ligada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), este capítulo pretende-se como um convite ao leitor para conhecer algumas de suas particularidades enquanto instituição educacional protagonista na formação de professores para a atuação com o Esporte e a Educação Física no cenário regional e nacional.

A criação da Escola Superior de Educação Física

No que tange à formação de professores de Educação Física no estado Sul-Rio-Grandense, nas três primeiras décadas do século XX, algumas carências podem ser evidenciadas. O

quadro inicial de professores que aqui se delineava, reproduzia o quadro mais geral do país, onde a falta de professores habilitados figurava como um dos principais problemas enfrentados pelo campo que pretendia se legitimar. Nesse contexto, Mazo (2005, p. 148) ratifica que a situação em questão se agravava à medida que a importância atribuída aos benefícios da Educação Física e do Esporte crescia com a necessidade de “assistência de técnicos especializados”. Assim, não havia professores de Educação Física em número suficiente para atender as escolas e as novas demandas provenientes das associações esportivas.

As estratégias adotadas pelo governo do Estado, para amenizar o quadro de defasagens acima descrito, iniciaram ainda em 1929 quando, sob o governo do então Presidente do Rio Grande do Sul⁴, Getúlio Vargas (1928-1930), foi criado o “Curso Intensivo de Educação Physica”, na capital. Até o ano de 1937, o referido curso, em suas diversas edições, havia formado 288 professores que propagavam “ensinamentos através de todo o Estado, contribuindo para a melhoria das condições de saúde (sic) do povo” (REVISTA: ,1937, p. 59). É interessante destacarmos que a formação oferecida por estes cursos era reduzida a um tempo de dois meses, privilegiando as férias escolares de verão (LYRA; MAZO, 2011).

O aproveitamento do professorado egresso destes

⁴ Esta denominação corresponde aos *governadores* dos estados brasileiros, no período da República Velha.

cursos iniciais de formação refletia-se, sobretudo, nas escolas primárias, secundárias e normais, sendo sua atuação destacada, também, nas “Praças de Educação Physica” espalhadas pelo Estado e em eventos cívicos, conhecidos por “Semana da Raça”⁵ (REVISTA: ,1937, p. 59). Tais espaços e eventos educativos faziam parte de uma política educacional própria ao momento político pelo qual atravessamos no país, ou seja, o período de nacionalização conhecido por Estado Novo (1937-1945). Como afirma Castro (1997), durante o Estado Novo, a Educação Física foi também considerada importante instrumento para a nacionalização nas áreas de colonização estrangeira nas quais, o Esporte desenvolveria sentimentos nacionalistas que tornariam mais fácil a assimilação da identidade brasileira. Para Marinho (1944), neste contexto educativo, a Educação Física deveria ocupar outros espaços, além das escolas, aqueles onde se reuniam jovens, como as colônias de férias e os parques infantis.

Fazia-se *mister*, portanto, pensar a formação de professores especializados para além dos fugazes dois meses

⁵ Num movimento de reafirmação dos objetivos nacionais de criação de uma identidade nacional, o governo do estado do Rio Grande do Sul, a partir do ano de 1929, elege praças públicas que são destinadas à prática de exercícios físicos pelas crianças e adolescentes, denominadas “Praças de Educação Physica”. Tais espaços eram dotados de brinquedos, campos e quadras onde, ao exercitarem-se constantemente e de forma lúdica, as crianças e adolescentes estariam robustecendo os músculos e preparando uma “juventude forte, hygida, apta a arrostar as vicissitudes da vida actual (*sic*)” (REVISTA: ,1937, p. 59).

ofertados pelos cursos intensivos. O Esporte e a Educação Física representavam elementos importantes demais para o alcance dos objetivos nacionais, para que um ensino destoante dos modernos métodos fosse admitido como condutor do processo educativo: abria-se, assim, um novo campo dentro da Educação Física brasileira. Na mesma medida, Bombassaro e Vaz (2008) apontam ainda que, havia um sentido compartilhado de criação de uma identidade ao povo brasileiro, que outrora animava e aquecia a política educacional do país, e que era traduzido, entre outros, nos currículos dos cursos de formação de professores (as), que pretendiam engendrar um modelo de referência, sintonizado com os tempos modernos.

É nesse cenário de reconstrução nacional que surge, no ano de 1940, na cidade de Porto Alegre, a Escola Superior de Educação Física. Imbuída da missão de abrir as portas do Estado à profissionalização na área, a ESEF surgia justificada, nas palavras de seu primeiro diretor, o Capitão Olavo Amaro de Oliveira (RIO GRANDE DO SUL, 1943, p. 2):

"[...] difundir, no Rio Grande do Sul, conhecimentos relacionados com o progresso que vem tendo a Educação Física na formação de uma juventude forte e sadia, e, necessitando para tal fim, da formação de professores, de técnicos e de médicos especializados, para a perfeita compreensão de todos os mistéres (sic) a ela ligados."

O ano de 1940 marca o início efetivo das atividades da Escola instituída pelo então Departamento Estadual de Educação Física (DEEF), órgão técnico subordinado à Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, que a gerenciou em seus primeiros 30 anos (MAZO, 2005, GOELLNER et. al., 2005). A ESEF foi federalizada no ano de 1969, por meio do Decreto-Lei n. 62.997 aprovado no ano anterior, tornando-se desde então, parte integrante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como nos alerta Fraga et al (2010) a criação da referida Escola está fortemente atrelada à obrigatoriedade da Educação Física prevista na Constituição de 1937 e ao Decreto-Lei n. 1.212 de 1939 que determinou, a partir do primeiro dia de janeiro de 1941, a exigência do diploma de licenciado em Educação Física para desempenhar o cargo de professor desta disciplina em estabelecimentos oficiais.

Iniciando suas atividades com o Curso Normal de Educação Física, no ano de 1940, a Escola passou a oferecer muitas outras possibilidades de formação profissional às alunas e alunos que a procuravam. Para além da formação no curso Normal, a instituição passou a oferecer os cursos de Educação Física Infantil, Massagem, Medicina da Educação Física e dos Desportos, Recreação, Técnica Desportiva, além do curso de Treinamento e Massagem, todos estes extintos em momentos particulares da vida da Escola (RIO GRANDE DO SUL, 1943, p. 3). No entanto, dentre todos os cursos oferecidos, a ESEF consagrou-se no Estado pelo oferecimento da formação

em Educação Física em nível Superior, habilitação profissional esta que a sustenta e consagra no campo até os dias atuais.

Considerações Finais

A ESEF representava, assim, o que anunciava ser o mais alto grau de autoridade e prestígio profissional até então (re) conhecidos no campo da formação de professores, no Estado. Um saber legitimado e contemporâneo àquele que circulava oficialmente, em âmbito nacional, atravessava e sustentava as diversas faces de sua raridade que, pouco a pouco, irradiava-se pelos espaços educativos e esportivos do Rio Grande do Sul.

Soberana em sua função formativa, pelos quase 30 anos que ficou sob a tutela do Estado, a Escola e o campo da Educação Física no Rio Grande do Sul entrelaçam suas histórias, tornando-nos possível afirmar, sem muitas dificuldades, que qualquer estudo realizado nessa direção passa, necessariamente, pela visibilidade das relações estabelecidas entre ambos os contextos. Quer nas escolas primárias, quer nos clubes, a ESEF se fez presente, indiretamente, pela preparação de muitos profissionais que ali se alocaram e, que fizeram de tais espaços, a realidade de consagração do aprendizado naquela incorporado.

Referências

- BOMBASSARO, T. ; VAZ, A F. Educação Do Corpo e Formação de professores para a Educação Física em Santa Catarina (1937-1945). In: Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares, 4, 2008, Florianópolis. **[Anais...]**. Florianópolis, 2008.
- BRASIL. (Constituição, 1937). **Constituição Federal de 1937**. Disponível em : <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 2012.
- _____. **Decreto-Lei n. 1212**, de 7 de abril de 1939. Disponível em : <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 2012.
- CASTRO, Celso. In corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, n. 2, p. 61-78, 1997.
- FRAGA, A. B. et al. Alterações curriculares de uma escola septuagenária: um estudo sobre as grades dos cursos de formação superior em educação física da ESEF/UFRGS. **Movimento**, Porto Alegre, p. 1-27, 2010, n. esp.
- GOELLNER, S.V; et al. ESEF 65 anos: entre memórias e histórias. **Movimento**, Porto alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, set./dez. 2005.
- LYRA, V.B. Escola Superior de Educação Física de Florianópolis e o campo da formação de professores no estado catarinense: uma história, um olhar, uma identidade. 2000. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- LYRA, V. B.; MAZO, J. Z. A Escola Superior de Educação Física e o campo da formação de professores no estado sul-rio-grandense: as origens da formação especializada (1869-1929). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 35- 58, 2010, n. esp.
- MARINHO, I. P. **A oportunidade da criação da carreira de técnico de educação física**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MAZO, J. Z. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 143-167, jan./abr. 2005.

RIO GRANDE DO SUL. Escola Superior de Educação Física. **Curriculares**. Porto Alegre, 1940.

_____. **Histórico da Escola Superior de Educação Física**: Secretaria da Escola. Capitão Olavo Amaro de Oliveira. Porto Alegre, 1943.

_____. **Livro de Assentamento dos Professores e Funcionários**. Porto Alegre, 1943.

_____. **Livro de Registro de Graus**. Porto Alegre, 1946.

REVISTA de Educação Física, n. 11, 1937.

REVISTA do Globo, 1941.

_____, n. 25, 1946.

WERLE, F.O. História das Instituições Escolares. In: LOMBARDI, J.C.; NASCIMENTO, M.I.M. (Org.). **Fontes, história e historiografia da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2004, p. 13-35.

IMAGENS

A seguir, algumas imagens que bem retratam a trajetória da ESEF e sua função formadora de professores no Rio Grande do Sul:



Figura 1: As alunas do Curso Superior de Educação Física em um dia de aula

de Natação, no ano de 1946.
Fonte: REVISTA..., 1946



Figura 2: Formatura solene da primeira turma de Normalistas em Educação Física, no ano de 1941, no Teatro São Pedro.
Fonte: REVISTA..., 1941

Histórias de mulheres no esporte gaúcho: Lea Linhares - a primeira judoca faixa-preta do Rio Grande do Sul

Silvana Vilodre Goellner¹

A participação das mulheres no esporte gaúcho data do final do século XIX seja como espectadoras ou praticantes. Esta presença pode ser observada em diferentes espaços nos quais as práticas corporais são vivenciadas: ruas, clubes, parques e praças, escola, agremiações, ginásios, entre outros. No entanto, ainda são incipientes os registros que detalham essa participação, escassez essa relacionada a determinadas representações culturais cuja circulação imputou às mulheres várias restrições no que respeita à vivência esportiva. A mais significativa delas recai sobre a preservação de uma dada representação de feminilidade segundo a qual, a graciosidade, a suavidade, a beleza, o recato,

¹ Professora do Departamento de Educação Física da UFRGS. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Corpo (GRECCO). Pesquisadora do CNPq.

a maternidade eram dignificadas como atributos essenciais e constituintes de uma “verdadeira mulher”.

Em função dessa representação, várias atividades esportivas foram desaconselhadas e mesmo proibidas às mulheres tais como os esportes de luta, as provas de longa distância e o futebol. Consideradas como modalidades masculinas e masculinizadoras, tais modalidades foram narradas, e algumas vezes ainda são, como territórios mais apropriados para os homens na medida em que exigem atributos culturalmente designados como viris.

Em que pese essa representação, quero registrar que desde os primórdios do esporte algumas mulheres transgrediram barreiras e, à despeito das normas vigentes, protagonizaram histórias que contribuiriam para a estruturação do esporte no Rio Grande do Sul, mesmo que oficialmente não sejam reconhecidas, mencionadas ou mesmo lembradas.

Lea Maria Chaves Linhares¹ é uma dessas mulheres. Seu protagonismo se deu na década de 1960 em uma modalidade na qual a mulheres pouco participavam: o judô.

Em 1965 se interessou por esta modalidade e iniciou a praticá-la na escola que frequentava onde havia uma turma com aproximadamente 18 alunas e que, passados 6 meses de seu início, apenas Lea continuou interessada nas aulas. Começou, então, a frequentar, o Clube Gondoleiros, no qual treinava diariamente com o intuito de tornar-se uma atleta da modalidade e também professora.

¹ Os depoimentos de Lea Linhares transcritos nesse texto foram concedidos ao Projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte. Estão disponíveis na íntegra no seguinte endereço: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/50107/000790908.pdf?sequence=1> e <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49977/000728717.pdf?sequence=1>

Eu adorava o judô! Eu era praticar, praticar e primeiro de tudo, eu queria ter o judô, o conhecimento do judô, tanto é que eu estudava tanto teoricamente quanto a prática mesmo... o judô era tudo... como jovem, como adolescente, eu estudava para ter uma profissão, tirar uma Educação Física e seguir com o meu judô, dando aula e seguir em frente.

Esse sonho e determinação fizeram com que Lea se tornasse, em 1969, a primeira mulher a conquistar a faixa-preta no Rio Grande do Sul na sequência da obtenção das faixas roxa em 1967 e marrom em 1968. Seu pioneirismo desestruturou a oficialidade do esporte fazendo com que a Federação de Pugilismo (que à época congregava o Judô) buscasse estratégias para reconhecer tal ineditismo.

Vale lembrar que neste momento estava em vigência o Decreto-lei, nº 3.199, de 14/04/41, art. 54, especificado pela Norma 7/65-2 cujo conteúdo proibia a luta competitiva entre mulheres. Razão pela qual o título de faixa-preta conquistado por Lea Linhares não foi reconhecido pela Confederação Brasileira de Desportos.

Além de atleta Léa envolveu-se em outras atividades relativas ao judô: ministrava aulas para crianças e jovens, era árbitra, realizava demonstrações antes de competições masculinas, atuava como instrutora da defesa pessoal, enfim, investiu na modalidade. Investimento que, ao ser subvalorizado pelo não reconhecimento de seu título e pela limitação de participar em competições esportivas, lhe causou mágoas profundas levando-a romper com o judô diante da necessidade de trabalhar e de certo modo seguir a vida à despeito do abandono de seu sonho.

E eu amava o judô, adorava. Era a razão da minha vida na época. Aí é como eu digo financeiramente eu não ganhava nada, não tinha proveito financeiro. Eu tinha que viver. E eu era tão pobre que pode se dizer que eu morei em uma peça, eu, minha mãe e meu irmão. Hoje eu tenho minha casa, tenho meu carro, minha família. Mas eu fui atrás, batalhei por isso. Então, só por isso eu me afastei do judô, questão financeira mesmo.

Seu título inédito ainda reside nas zonas de sombra pois oficialmente não é reconhecida como a primeira faixa-preta gaúcha. Seu afastamento não foi apenas do tatame mas, de certo modo, de uma etapa da sua vida cujas memórias são acompanhadas de tristeza e desencanto.

[...] eu fiquei tão desiludida, que eu apaguei anos e anos de minha vida e chegar ao ponto de negar, de esconder uma coisa que foi muito legal na tua vida. Mas eu neguei, em muitos e muitos anos, eu neguei.

Na década de 1970 o presidente da recém-criada Federação Gaúcha de Judô, Ricardo Rodrigues Gaston, fez contato com a atleta incentivando-a a enviar sua documentação à Confederação Brasileira de Desportos reclamando o reconhecimento de seu título, ao que responde:

Ah não, agora não. Agora já estou velha, não quero mais saber de judô. Quando eu queria não tive apoio quase que nenhum. Porque não tinha também como fazer.

Interrompida sua trajetória no esporte, Lea contentou-se com o reconhecimento de amigos e familiares evitando, inclusive, lutar pelo havia conquistado: uma carreira, um título, uma história.

Quem me conheceu na época e tu que és mais jovem me reconhece, para mim basta. A minha família, os meus sobrinhos, em o maior orgulho de dizer: "Pô, foi a primeira faixa preta". Gente que eu nunca vi, dizer: "Ah, tu foi a primeira"... "É, fui." Às vezes fico até envergonhada. "É fui." Fico envergonhada mesmo. Às vezes me apresentam: "Bah, essa aqui foi a primeira faixa preta, foi a primeira judoca." não sei o que. Às vezes até demais. Eu fico.. Não, porque até não estou acostumada com isso. Mas é como quem diz: Tu me conhece? Tu sabe da minha história? Tu já ouviu falar de mim? Várias vezes tu dizes assim: "Eu já te conheço de nome há muitos e muitos anos". Isso aí me basta, nunca esquentei a cabeça por assim ser.. Eu sei quem eu fui, eu sei. Então, me basta.

Reconhecer a história de Lea Linhares e seu protagonismo no judô gaúcho não é apenas uma questão política que se contrapõe ao discurso oficial da modalidade. É, apenas uma ínfima atitude de respeito e consideração por uma pessoa que rompeu barreiras, desestabilizou verdades, transpôs fronteiras. Uma mulher que ousou num tempo que algumas ousadias não eram pensadas, aceitas ou vividas. Léa as viveu de forma intensa na alegria e na tristeza.

Para além de homenagear Lea, o lembrar desses pequenos fragmentos carrega outros objetivos: problematizar o silêncio que pesa sobre outras tantas mulheres cujas trajetórias esportivas são comumente ignoradas. Não porque não existiram mas, sobretudo, porque delas não se fala. Pensemos: tanto quanto Lea, quantas atletas, torcedoras, árbitras,

gestoras, treinadoras, professoras, jornalistas foram sub-representadas pela oficialidade dos discursos. Quantas ainda residem nas zonas de sombra!

Figura 1: Demonstração de defesa pessoal em clube de Porto Alegre (1954).



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS.

Figura 2: Léa Linhares com a faixa-preta (1969).



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS.

O Rio Grande do Sul no cenário esportivo internacional: a Universíade 1963

Maristel Pereira Nogueira¹

Gostaria de iniciar este artigo questionando o leitor: você sabia que o Rio Grande do Sul foi sede de uma olimpíada? Sim, é verdade, só que era uma olimpíada universitária e ocorreu em 1963, conhecida como Universíade. Esse evento trouxe algumas mudanças para a cidade e, algumas, permanecem até hoje. O ginásio da Brigada Militar é um exemplo, foi construído naquela época. Deixemos de rodeios e vamos a história desse evento muito empolgante.

A denominação Universíade é utilizada para referir-se à Semana Internacional do Esporte Universitário¹. Os universitários instituíram seus Jogos Olímpicos nos moldes dos Jogos

¹ Historiadora. Mestre.

² Os mentores da ideia eram europeus e os primeiros jogos foram na Europa.

Olímpicos Mundiais, surgindo assim as Universíades - Jogos Mundiais Universitários. Estes jogos ocorrem ainda hoje e o Brasil tem grandes medalhistas³.

A Universíade servia como uma prévia dos Jogos Olímpicos, ou seja, se o atleta fosse campeão na Universíade e participasse das Olimpíadas, existia grande chance dele se consagrar campeão olímpico.

Em 1923, sob o patrocínio da União Nacional de Estudantes Franceses, foram organizados em Paris os primeiros "Jogos Mundiais Universitários". Tratava-se de uma competição semelhante aos Jogos Olímpicos oficiais que tinha como principal característica a participação de atletas universitários. Os jogos continuaram até a Segunda Guerra Mundial. A Guerra interrompeu o movimento esportivo que, somente em 1949, retomou as reuniões dos estudantes quando a paz já estava restaurada.

Em 1949, a Federação Internacional do Esporte Universitário (FISU) realizou a primeira Semana Internacional do Esporte Universitário em Merano, na Itália. Mais tarde, em 1959, o evento dos universitários passou a denominar-se Universíade, pelo fato de agrupar as diversas federações Universitárias num evento Universal durante os Jogos de Turim⁴, organizados pelos universitários italianos. Neste evento, encontraram-se pela primeira vez estudantes ocidentais e orientais, estabeleceu-se a

³ Por exemplo em 2003 Diego Barreto (paulista) foi Prata no Judô, e João Derly (atleta da Sogipa- Judoca) foi medalha de bronze na Universíade de 2001.

⁴ Cidade situada na Itália.

bandeira oficial do evento, (a letra U com cinco estrelas coloridas cada uma representando um continente) e instituiu-se o hino *Gaudeamus igitur* como hino oficial para ser usado nas cerimônias em substituição aos hinos de cada país.

Segundo Darcy Votto de Araújo⁵, um dos organizadores da Universíade de 1963, em Porto Alegre, a ideia de trazer uma Universíade para o Brasil teria partido de Rômulo Fanti e Adonis Escobar em 1957. Ainda de acordo com o entrevistado, Fanti era italiano, mas se considerava gaúcho, era um homem dinâmico, ativo e de muitas ideias. Adonis Escobar era presidente da Federação Gaúcha de Esporte (FUGE) e pertencia ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). A equipe de jovens (homens entre 25 e 35 anos) que tomou a frente deste evento era: Rômulo Fanti, Adonis Escobar, Henrique Halpern, Darcy Votto de Araújo, Plínio Baldanza, Silvio Kelly dos Santos, Fernando Marsillac, Edgar Sanches Laurent. Todos gaúchos ou com vínculos fortes no Rio Grande do Sul.

A escolha do Brasil como país sede ocorreu em 1961 em Sófia⁶ quando nos candidatamos, concorrendo com outros países e vencemos. Após a escolha do Brasil, teve início, então, uma corrida interna para definir qual estado brasileiro seria a sede da U-63.

De acordo com um relatório sobre o evento, a tradição da FUGE junto a CBDU falou mais alto e Porto Alegre foi a cidade escolhida. Segundo Fernando de Marsillac⁷, o Silvio

⁵ Esta entrevista pertence ao acervo do CEME – ESEF/UFRGS em VHS.

⁶ Capital da Bulgária.

⁷ Entrevista realizada em fevereiro de 2012.

Kelly dos Santos participava da CBDU e isso influenciou para que os jogos fossem em Porto Alegre. De acordo com ele, a FUGE tinha grande respaldo devido a sua atuação forte na esfera esportiva, pois o esporte universitário do Rio Grande do Sul era atuante.

A CBDU informou a FUGE, apenas três dias antes da assembleia geral da FISU, que deveria fazer um levantamento do seu parque esportivo. Diante da situação de urgência, Henrique Halpern, com a colaboração do SETUR (Secretaria de Turismo) COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) e Departamento Aeroviário, remeteram a CBDU um levantamento completo do Parque Esportivo de Porto Alegre que foi levado à assembleia da FISU em 31 de janeiro de 1962, em Turim, pelos delegados Plínio Baldanza e Luis Antônio de Souza Basílio. O estado do Rio Grande do Sul foi aprovado tendo como cidade-sede a capital. Sobre a forma como foi obtido o levantamento do parque esportivo de forma tão rápida, Marsillac diz o seguinte:

“[...] O Adonis era um prócer do PTB e amigo do Brizola, tinha um posto de relevo no estado, na época secretário Estadual de alguma coisa. Quando nós começamos a preparar essa descrição das praças desportivas eu falei para o Adonis que nós precisaríamos fotografar. “Eu quero um avião do departamento aeroviário do estado para fazer as fotografias”, o Adonis obteve o avião e nós fizemos as imagens. Foi esse boock que o nosso emissário levou para Londres.”⁸

⁸ Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2012

De acordo com as pessoas entrevistadas, o Deputado Federal Floriceno Paixão (1919-2011)⁹ foi fundamental para o Rio Grande do Sul porque indicou as pessoas certas, aproximou, conjuntamente com seu colega o Deputado Rui Ramos, os membros da CBDU do Presidente João Goulart, lutou em defesa do Rio Grande do Sul para sediar a Universíade e, o que é o mais importante, contribuiu para a liberação das verbas necessárias para a realização do evento.

As exigências da FISU em relação à Universíade eram imensas, mas uma a uma foram vencidas. A Universíade era, e ainda é, um evento de grande porte e, de acordo com o relato de diversos participantes, muita coisa inusitada e improvisada aconteceu. Boa parte dessas informações pôde ser comprovada pelos jornais, revistas ou documentos. Outras ficaram apenas nos depoimentos sem a possibilidade, até o momento, de conseguirmos confirmar. Com certeza os depoimentos são testemunho de quem vivenciou o momento histórico, entretanto, a história oral nos ensina que, eventualmente, a memória pode nos pregar peças ou lapsos e estes lapsos podem levar a informações deslocadas no tempo, ou serem preenchidas com informações atuais, criando uma falsa memória. Isto não significa

⁹ Floriceno Paixão faleceu em Fevereiro de 2011, era um dos autores da Lei do 13º salário sancionada por João Goulart. Também foi autor da lei que criou a Loteria Esportiva com o objetivo de incentivar o esporte amador. Cf. Zero Hora de 24 de fevereiro de 2011.

que a testemunha oral esteja criando ou inventando deliberadamente, é um ato inconsciente¹⁰.

O ginásio de esportes exigido para as competições foi construído num tempo recorde para a época. O governador do estado cedeu um terreno que pertencia ao Corpo de Bombeiros e, em 92 dias, o ginásio estava pronto para ser inaugurado. Após o evento, o ginásio passou oficialmente para as mãos da Brigada Militar e é, até os dias de hoje, um excelente ginásio de esportes. Situa-se no cruzamento da av. Ipiranga com av. Mariante, em Porto Alegre. A obra foi coordenada pela equipe do Engº Augusto de Araújo Guarita.

Os equipamentos foram adquiridos fora do Brasil, pois nenhum clube dispunha de equipamento para evento de tão alto nível. Algum material o estado de São Paulo cedeu à Universíade.

O alojamento dos atletas foi providenciado numa negociação com o diretor de patrimônio da Caixa Estadual, segundo Votto e Cleomar P. Lima. Naquele ano a Caixa lança o projeto popular chamado Jardim Guanabara (primeiro loteamento) denominado Núcleo Residencial Neuza Goulart Brizola, que havia sido iniciado no governo de Leonel Brizola

¹⁰ Ao fazer as entrevistas sobre a Universíade, quase todos os entrevistados tinham na memória que a pessoa ligada a CBDU tinha o sobrenome Horta, sem querer, inconscientemente, todos completaram o nome deste dirigente como sendo Francisco Horta. Ao pesquisar nos jornais o nome que sobressaiu foi Antenor Horta. Este é um exemplo de como funciona a memória.

e que, neste momento, estava em fase de conclusão. Foi feita uma negociação com os proprietários e nessa negociação foi solicitado que os imóveis servissem de vila olímpica para a Universíade. Os proprietários dos imóveis concordaram em ceder os imóveis desde que todas as benfeitorias que fossem feitas nos imóveis em função da Universíade ficassem para os proprietários. A condição foi aceita e a Universíade teve a sua Vila Olímpica. Cada bloco de apartamentos recebeu o nome de um continente. Estes apartamentos existem até hoje com a mesma configuração dada durante a Universíade. Trata-se de um conjunto habitacional no bairro Intercap, em Porto Alegre.

Uma curiosidade sobre os atletas é que muitos atletas não conheciam ou não dispunham de frutas tropicais à vontade como ocorreu na Vila Olímpica. Foi motivo de comentário geral o fato de um atleta ter tentado comer um abacaxi com casca e tudo por desconhecer a fruta.

Os jogos Universitários ocorreram em Porto Alegre e muitos recordes foram batidos. Os entrevistados são unânimes ao afirmar que havia um sentimento de colaboração, de conagraçamento entre a população da cidade que colaborou de todas as formas possíveis. Alguns inclusive abriram suas casas para receber os turistas.

Entretanto, nem tudo eram flores. Ocorreu o caso de um atleta cubano que fugiu de sua delegação e pediu asilo político no Brasil. O atleta havia se apaixonado por uma atleta brasileira e pretendia casar com a moça e viver no Brasil. Esse fato movimentou a cidade e os jornais aproveitaram o fato para

criticar o comunismo e o socialismo. Afinal, em 1963, o mundo vivia plenamente a guerra fria.

Outro acontecimento ocorreu no dia da abertura dos jogos: faltou luz por uma hora e isso deixou o público bastante inquieto. Quando a luz foi restabelecida e os discursos de abertura iniciaram, houve uma vaia coletiva durante o discurso do representante da presidência. Esse fato também foi amplamente divulgado pelos jornais.

Para o encerramento do evento, foi programado e realizado um baile na Reitoria da URGs¹¹, chamado Baile das Nações. Eram cinco conjuntos de música se revezando nos cinco salões da reitoria. Este baile serviu para coroar de êxito o evento, com a presença de autoridades, dos representantes das delegações e dos atletas. A decoração dos salões foi de motivos brasileiros e gaúchos.

A casa da moeda decidiu imprimir um selo comemorativo sobre a Universíade de 1963. Este selo deveria circular a partir de 2 de setembro de 1963, entretanto, somente quatro dias após encerrado os jogos é que ele passou a circular¹².

Segundo os organizadores do evento, eles não tinham uma noção exata da grandeza do acontecimento quando se prontificaram a realizá-lo em Porto Alegre. Felizmente souberam administrar seus contatos e obter os apoios necessários para a liberação de verbas governamentais.

¹¹ Atual UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹² Jornal do Dia 22 de setembro de 63.

Durante a Universíade, muita coisa aconteceu e não caberia em poucas páginas descrever a grandeza desse aevento. O congraçamento de países (em torno de 27), recordes em profusão e alegria da população em receber tal evento, tudo isso somado à mobilização entre os governos municipal e estadual, deixaram uma marca indelével na cidade.

Referências

DE GRANDI, C. **Loureiro da Silva**: o charrua. Porto Alegre: Literalis, 2002.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 10. ed. – São Paulo: EDUSP, 2002,

FERREIRA NETO, Amarílio (Org). **Pesquisa Histórica na Educação Física**, Aracruz, ES: FACHA, 2000, V. 5.

NOGUEIRA, M. **Universíade de 1963**: a reconstrução da memória através dos jornais de Porto Alegre. Porto Alegre: Suliani Letra e Vida, 2011.

VIZENTINI, P. G. F. **Da Guerra Fria à crise(1945-1989)**: as relações internacionais do século 20 (terceira parte). 3 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

Jornal do Dia – 1963

Correio do Povo- 1963

Última Hora – 1963

Fôlha Esportiva – 1963

Fôlha da Tarde – 1963

Entrevistas pertencentes ao Centro de Memória do Esporte – CEME- ESEF/UFRGS.

Entrevistas realizadas diretamente com os organizadores e que pertencem a autora.

IMAGENS

Figura 1: Destacamento do Comando de Policiamento de São Paulo



Fonte: Centro de Memória do Esporte

Figura 2: Equipe de Basquetebol Masculino do Brasil



Fonte: Centro de Memória do Esporte

Figura 3: Ginásio da Brigada Militar



Fonte: Centro de Memória do Esporte

Parque Náutico do Estado: sobre as políticas do espaço que faz parte da cultura de Porto Alegre

Cleizi Fernanda Zanatte da Silva¹
Johanna Coelho von Mühlen²

As histórias sobre o remo e outros esportes náuticos na cidade de Porto Alegre são narradas por pessoas que viveram e tem lembranças de uma época em que regatas, barcos, remos, pesca, timomeiros e remadores faziam parte da vida social e cultural da capital gaúcha.

Data do século XIX a fundação de clubes náuticos que faziam vir de países como Alemanha, equipamentos que fomentassem

¹ Graduada em Educação Física (IPA), Especialista em Pedagogias do Corpo e da Saúde (ESEF/UFRGS), Assessora Técnica DESP/FUNDERGS desde 1999 coordenando o Parque Náutico de 1999 a 2001.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS, Técnica em Esporte e Lazer da Fundação de Esporte e Lazer do RS (FUNDERGS). Membro do Grupo de Pesquisa sobre Cultura do Corpo (GRECCO).

a prática dessas atividades em solos gaúchos. Organizações como o Club de Regatas Guahyba, Club de Regatas Porto Alegre, Tamandaré, Germânia, Almirante Barroso, Grêmio Náutico União possuem relatos³ de inúmeras atividades esportivas e sociais que fizeram de Porto Alegre, na época, uma cidade conhecida por sua participação no remo. Outra tradição náutica da capital gaúcha é a procissão pelo Guaíba Nossa Senhora dos Navegantes⁴ e, mais recentemente, o Projeto Romaria das Águas⁵.

Dentro desse contexto sócio-cultural, é inaugurado dia 15 de dezembro de 1968⁶, o Parque Náutico do Estado, localizado

³ Segundo documentos disponíveis no acervo do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS.

⁴ Devido à procissão de Navegantes ter um número muito grande de fiéis, ela passou a ser terrestre. A Procissão Fluvial acontecia paralela a terrestre, mantendo a tradição.

⁵ O Projeto Romaria das Águas, que teve início em 1993, é uma iniciativa da organização não governamental Devoção de Nossa Senhora Aparecida das Águas e, durante os anos de 1999 a 2003, contou com o apoio da Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Dentre várias ações deste Programa tinha a Romaria que consistia num trabalho de educação ambiental nos municípios gaúchos onde localizavam-se as nascentes do Guaíba. Aconteciam atividades de conservação da mata nativa próximas às nascentes, plantio de árvores, palestras sobre o cuidado com as águas. Era coletada a água pura das nove nascentes dos rios que formam o Estuário Guaíba. A Romaria das Águas acontecia no dia 12 de outubro e começava com o embarque no Parque Náutico e desembarque no gasômetro. Em torno de cem barcos participavam da procissão fluvial. Nove barcos simbolizando cada Rio onde estas águas puras eram trazidas. No Gasômetro estas águas eram colocadas num grande recipiente, simbolizando o Guaíba limpo, e várias religiões abençoavam esta água que era devolvida ao Guaíba.

⁶ A pedra fundamental para sua construção data de 20 de novembro de 1966 e no dia 02/02/1969 o Estádio Náutico foi concluído.

junto ao Guaíba, na Avenida João Moreira Maciel, número 400⁷. Com o nome de **Parque Náutico Alberto Bins** – em homenagem ao introdutor dos Clubes de remo em Porto Alegre, o espaço foi construído pensando nos clubes que perderam seus espaços com construção do Cais Marcílio Dias. O Parque Náutico possuía seu Pavilhão de Chegada da Raia Olímpica de Remo, com uma visão privilegiada da arquibancada no andar superior, somando-se aos Clubes de Regatas vizinhos (GPA, Almirante Barrosos, Almirante Tamandaré, Clube de Regatas Vasco da Gamas, Grêmio e União), constituindo assim o Parque Náutico Alberto Bins, contando com uma área de 4140 m².

A inauguração solene foi realizada pelo então governador do RS, Coronel Walter Peracchi Barcellos. Na ocasião, com apoio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), foi promovido o XXXVII Campeonato Brasileiro de Remo.

Mesmo antes da inauguração oficial, ainda no ano de 1966, mais especificamente no dia 22 de dezembro, o Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais firma o Termo de Cessão de Uso com o Departamento de Esportes do Estado do RS, tendo como seu Diretor Geral o professor Henrique Licht⁸. A partir daí, algumas Federações Náuticas se instalaram nesse espaço,

⁷ Este endereço passou a ser considerado aproximadamente no ano 2000 pois antigamente não era esta Avenida.

⁸ Importante incentivador do esporte gaúcho, destacando-se por suas contribuições à preservação da memória da comunidade esportiva do RS. Por seu destaque, merece capítulo dedicado a ele neste livro (*Henrique Licht: garimpeiro, guardião e contador de histórias*)

principalmente o remo, a pesca e a motonáutica – a canoagem e a vela de maneira menos constante. Havia uma coordenação local pelo Departamento de Desporto e posteriormente pela Subsecretaria de Desporto que estavam ligados à Secretaria da Educação. Com o passar dos anos o local foi sendo abandonado pelo poder público até ser entregue pela primeira vez para a Brigada Militar.

De 1970 a 1978 foram assinados termos de compromisso pelos respectivos governos estaduais para a continuação de suas obras e alguns convênios com as Secretarias Municipais de Turismo e Cultura com o funcionamento da Doca Turística no local, onde funcionou até final da década de 80 seu famoso e charmoso Restaurante da Doca Turística.

Nos anos que seguem, as federações esportivas continuaram a funcionar no local, principalmente as de Remo e Pesca. Nessa época não há registro de políticas públicas voltadas à área do Parque Náutico e nem qualquer outra iniciativa o que acaba por tornar aquele espaço um ambiente descuidado. Até que em 1996, durante o governo Britto⁹, acontece a cedência do Parque Náutico para o Batalhão Ambiental da Brigada Militar, em caráter provisório, até que o governo, através do Departamento de Desportos (DESP) pudesse elaborar políticas de esporte e lazer para aquele espaço.

Em 1999 assume o Governo Olívio Dutra, com o então Secretário de Segurança José Paulo Bisol, e naquele período a

⁹ Antônio Britto Filho, governador do RS entre 1994 e 1998.

determinação do então governador era priorizar projetos sociais. Com este propósito o DESP, na época vinculado à Secretaria Estadual da Educação, retomou a sede do Estádio Náutico com o Projeto de Revitalização do Parque. Em concordância com a Prefeitura de Porto Alegre (EPATUR) toda a área foi destinada ao DESP, inclusive a área do restaurante da Doca Turística (já em ruínas). Além de devolver a área para a população de Porto Alegre – principalmente da zona norte e noroeste da capital – foram retomados projetos pedagógicos de esportes náuticos como o remo, vela, canoagem, pesca e motonáutica, além da realização de Festivais Náuticos.

O resgate das procissões fluviais através da Procissão Fluvial de Nossa Senhora dos Navegantes no dia 02 de fevereiro e da Romaria das Águas no dia 12 de outubro trouxe de volta aos portoalegrenses à utilização das águas para suas manifestações religiosas. Muitas ações foram desenvolvidas, celebrando parcerias com a comunidade náutica, com os pescadores das ilhas, com as escolas adjacentes, com entidades do bairro, com secretarias estaduais e municipais afins.

Nos anos seguintes há recorrentes ações públicas que não vão ao encontro da continuidade nos projetos citados a cima. Afirmamos isso, na medida em que, em 2005 seu espaço é cedido para a mostra Casa Cor¹⁰, sendo fechado o acesso livre para a comunidade e seu *layout* é descaracterizado. Em 2009, a gestão da FUNDERGS, cede novamente o Parque Náutico à Brigada Militar e posteriormente a área do Parque é dividida entre o Batalhão Ambiental e a Polícia Federal.

¹⁰ Renomada mostra de arquitetura e urbanismo.

Atualmente, a situação recém descrita, permanece inalterada. Porém, com a criação da Secretaria Estadual do Esporte e do Lazer¹¹, em janeiro de 2011, a preocupação em criar um movimento de retomada do Parque, começa a fazer parte das políticas estaduais do esporte e do lazer. É com esta expectativa que escrevemos essas linhas, buscando visibilizar as práticas náuticas que durante muitos anos fizeram parte da história de Porto Alegre, ressaltando que, resgatar novamente o espaço do Parque, de forma definitiva, não só devolve à população uma privilegiada área de esporte e lazer, como retoma a possibilidade de desenvolvimento de projetos de iniciação aos desportos náuticos e de educação ambiental.

Figura1: Vista do Parque Náutico



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS.

¹¹ Até então, a área dos Esportes estava a cargo de outras Secretarias como Turismo, Educação...

A Maratona de Porto Alegre: um evento de longa tradição

José Patrício Cunha Pinheiro¹

Segundo o *Ranking de Maratonas da Contra Relógio* – revista especializada em corridas –, a Maratona de Porto Alegre é considerada a mais rápida e mais bem organizada do Brasil (SAVAZONI, 2012). Geralmente realizada no último domingo de maio, ela atrai corredores nacionais, bem como estrangeiros, que buscam superar seus limites nos 42.195km, em virtude do percurso plano e do clima ameno. Das Maratonas brasileiras, ela é a mais longa, e, neste ano de 2012, chega a sua 29ª edição, e só não ocorreu em 1990 por falta de patrocínio.

¹ Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Centro de Memória do Esporte (CEME) e membro do Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura (GRECCO)

A massificação das corridas de longa distância deveu-se essencialmente a dois elementos sociais concomitantes e correspondentes: 1) tecnológico-midiático ancorado na disseminação do sapato de corrida (tênis) com proteção no calcanho e na vitória do americano Frank Shorter, na maratona dos Jogos Olímpicos de Munique em 1972. Esse fato foi acompanhado por milhões de telespectadores sintonizados na ABC-TV, em transmissão direta. Isso levou muitos norte-americanos às ruas e aos parques, na tentativa de imitá-lo, pois, na entrevista coletiva, ele dissera: “corro porque gosto”; 2) o lado econômico-financeiro da tecnologia midiaticizada responde por tudo mais, principalmente a eficaz habilidade e a sensibilidade dos seus fabricantes de tênis, o que fatalmente seria transposto para o mundo inteiro (DAUDT, 2003).

A partir da década de 1980, a Maratona torna-se uma realidade no Brasil. Experiências anteriores resumiam-se à fortuita inclusão em torneios oficiais, sem qualquer sentido de participação popular. Em 1979, Eleonora Mendonça e colaboradores realizaram a primeira maratona popular no Rio de Janeiro (Maratona da Printer), com 94 corredores concluindo a prova – a quase totalidade debutando na distância (FERREIRA, 1984). Ainda no Rio de Janeiro, a Maratona Bradesco/Jornal do Brasil, idealizada pelo jornalista José Inácio Werneck, colunista do Jornal do Brasil, desde a primeira edição, em novembro de 1980, constitui-se como o maior acontecimento desportivo do País, superando a já tradicional Corrida de São Silvestre (FERREIRA, 1984). Além disso, ele incentivou a fundação de clubes de corredores por todo o Brasil.

Em Porto Alegre, essa história teve início nos anos 1980, quando o Dr. Ênio Paulo Aguzzoli, na pista da ESEF², conversava com o senhor Carlos Dario Lopes Daudt sobre a situação do pedestrianismo em Porto Alegre, após ler a revista *Runners World*. Essa conversa evoluiu, e surgiu a ideia de formar um grupo de pessoas que pudessem participar de corridas aos finais de semana, um grupo de pessoas com o objetivo de formar uma associação para realizar eventos de corrida na Cidade, de forma organizada. E, assim, no dia 20 de setembro de 1981, foi criado o Clube de Corredores de Porto Alegre – CORPA (DAUDT, 2003). Entre os objetivos do novo clube, estava a organização da Maratona de Porto Alegre. A primeira diretoria do clube foi composta pelos senhores Ênio Paulo Aguzzoli (presidente), Vicente Fontoura Cardoso (vice-presidente), Carlos Dario Lopes Daudt (secretário) e Lauro Daniel Vargas Mendes (diretor esportivo), Antônio Celso Ayub (diretor médico), (AGUZZOLI, 2008). Segundo Aguzzoli (2008), em 15 de novembro de 1981, a Brigada Militar realizou uma Maratona na Cidade, não oficializada pelo Poder Público Municipal e, possivelmente, em caráter comemorativo e de forma artesanal.

O doutor Antônio Celso Ayub, já como presidente do CORPA, inscreveu-se na Maratona de Nova Iorque. Lá conseguiu o contato direto com Fred Lebow³, o então presidente do *New York Runners Club*, com a intenção de obter

² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

³ Corredor norte-americano nascido na Romênia e grande entusiasta de corridas de rua, http://pt.wikipedia.org/wiki/Maratona_de_Nova_York

todas as informações possíveis sobre a organização dessa corrida, que era realizada ao redor do Central Park e ganhou as ruas, envolvendo toda a cidade. Retornando, Ayub fez várias conferências sobre o assunto, e a diretoria decidiu realizar a Maratona de Porto Alegre nos mesmos moldes da Maratona de Nova Iorque. A sensibilização tanto dos corredores quanto da população foi um trabalho lento e difícil. A divulgação se deu, ainda de forma tímida, por influência José Antônio Daudt⁴, na TVE⁵ e na RBS⁶, que mais tarde, com o crescimento do CORPA, fez um acordo com clube para promover a Maratona por meio da Rádio Gaúcha⁷ (AYUB, 2008). Outro fato importante é a participação do Poder Público Municipal, que oficializou a Maratona desde a sua primeira edição por meio de Decreto, tendo sido assinado somente em setembro de 1983, pelo prefeito João Antônio Dib. Já em 1984, a Maratona de Porto Alegre passa a ser considerada um Evento Oficial do Município, sendo incluída no Calendário das festividades oficiais do Município, de acordo com a Lei nº 7.555, de 19 de dezembro de 1994, na gestão do Prefeito Tarso Genro.

A primeira Maratona de Porto Alegre ocorreu em 24 de abril de 1983, com largada da passarela do Parcão⁸ e chegada

⁴ Jornalista e deputado estadual, assassinado em 4 de junho de 1988.

⁵ Televisão Educativa – Fundação Piratini

⁶ Rede Brasil Sul de Comunicações

⁷ Emissora de Rádio pertencente ao grupo RBS

⁸ Parque Moinhos de Vento, localizado no Bairro Moinhos de Vento

ao mesmo local, com aproximadamente 140 corredores, sem controle total do trânsito. Em muitos trechos, os atletas corriam em meio aos carros e aos ônibus, não havia postos de água suficientes para sua hidratação e a marcação do tempo de corrida foi feita com cronômetros não digitais, enfim tudo era muito precário. Apesar de poucos recursos, não faltou coragem aos organizadores, e, a cada nova edição, os erros eram minimizados, e os acertos proporcionavam aos maratonistas e à comunidade porto-alegrense uma prova agradável e bem organizada.

Atualmente, ela é reconhecida e homologada pela Confederação Brasileira de Atletismo – CBAT –, de acordo com a norma 07 e na Regra nº 240 da Associação Internacional das Federações de Atletismo – IAAF.

A primeira maratona ocorreu nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896, em homenagem ao soldado grego Phelípides, que segundo a lenda correu desde a planície de Marathon até a cidade de Atenas para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas, morrendo logo após dar a notícia a seus compatriotas (FERREIRA, 1984).

Mas a maratona não se limitou aos Jogos Olímpicos, ela cresceu e ocorre em muitas cidades em nível nacional e internacional. Embora seja uma prova que exige muito empenho de seus praticantes, ela oportuniza que atletas profissionais e amadores desfrutem de momentos singulares todas as vezes que decidem desafiar seus limites. É uma prova democrática, há espaços para todos, jovens e idosos, pobres e ricos, não distingue etnias, credos ou quaisquer outros motivos

que afastam o homem de seus semelhantes. Nesse contexto, a nossa Maratona vem cumprido o papel, colocando o nome da Cidade no cenário esportivo internacional, revelando humanidades, igualando os seres, fazendo o esporte para todos, assim como diz a missão do CORPA, “reunir os atletas que praticam corrida de rua em um ambiente saudável, organizar provas que valorizem estes atletas e difundir o esporte ao maior número de pessoas possível”.

Adão Juares Camões, vencedor da 1ª Maratona de Porto Alegre, um office-boy da Embratel, privatizada em 1998. Camões iniciou sua carreira atlética, quando prestou serviço militar e desde então se revelou um excelente corredor e sempre se destacava em corridas de longa distância, representando o Estado em provas por todo o Brasil. Formado em Educação Física pela FEEVALE em 2010, ministra treinamentos de corrida na pista da Unisinos, em São Leopoldo.

Figura 1: Geny Mascarello 7 vezes campeã da Maratona.



Fonte: Centro de Memória do Esporte

Em 1984, Geny Mascarello inicia uma série de sete vitórias na Maratona de Porto Alegre, transformando-se em ícone do atletismo gaúcho, mas as mulheres participam desde a primeira edição. Neste ano o atletismo feminino mundial teve uma importante conquista: a primeira maratona olímpica para mulheres, vencida pela estadunidense Joan Benoit Samuelson.

Figura 2: Maratona de Porto Alegre - 1997 Largada na Av. Goethe



Fonte: Jornal do Corpa

Figura 3: Maratona de Porto Alegre – 2010 – Av. Augusto de Carvalho



Fonte: Acervo do Pesquisador

A Maratona ocupa ruas e avenidas de diversos bairros da cidade, buscando integrar-se ao convívio de seus moradores que adotaram essa corrida com grande entusiasmo. O Parcão foi o local onde tudo começou e a medida que ela cresce é necessário encontrar novos espaços que suportem a montagem de toda a estrutura, ou seja, ela acompanha o movimento da cidade.

Figura 4: Maratona de Porto Alegre – 2010 – Av. Augusto de Carvalho

Ano	Homens		Mulheres	
12	Kiprop Mutai	2h17min43	Flomena Cheyech Daniel	2h34min15
11	João Marcos Fonseca	2h20min49	Antonia Bernadete Lins da Silva	2h48min40
10	Solonei Rocha da Silva	2h15min45	Michele Cristina das Chagas	2h43min04
09	Adriano Bastos	2h19min20	Conceição Maria de C. Oliveira	2h43min25
08	José Pereira da Silva	2h20min53	Rosa Jussara Barbosa	2h44min32
07	Marcos Alexandre Elias	2h18min37	Elizabeth Esteves de Souza	2h43min54
06	Claudir Rodrigues	2h18min20	Maria Sandra Pereira Silva	2h41min55
05	José Gutemberg Ferreira	2h17min43	Rosa Jussara Barbosa	2h41min31
04	Claudir Rodrigues	2h15min52	Rosa Jussara Barbosa	2h46min05
03	Arnaldo Sales de Sá	2h16min13	Rosa Jussara Barbosa	2h42min08
02	Claudir Rodrigues	2h17min38	Sandra Torres Alvarez	2h44min04
01	Genílson Júnio da Silva	2h15min55	Marizete Paula Rezende	2h37min29
00	William Musyoki	2h13min49	Márcia Narloch	2h34min18
99	Arnaldo Sales de Sá	2h16min42	Márcia Narloch	2h40min15
98	Osmiro Souza E Silva	2h14min47	Márcia Narloch	2h38min39
97	Valmir de Carvalho	2h15min09	Lídia Karwowski	2h43min57
96	Luís Carlos S. Ramos	2h18min39	Maria de Lourdes Bizoto	2h44min30
95	João Batista Pacau	2h17min35	Arlete Soares Adão	2h43min33
94	Luis Carlos da Silva	2h12min59	Cleusa Maria Irineu	2h43min31
93	Luis Carlos da Silva	2h16min04	Geni Mascarello	2h44min01
92	Volmir Herbstrith	2h17min18	Geni Mascarello	2h52min38
91	Volmir Herbstrith	2h17min21	Antonia da Silva	3h10min42
89	João Pereira	2h19min46	Geni Mascarello	3h04min25
88	Volmir Herbstrith	2h20min59	Geni Mascarello	3h00min52
87	Gregório Lavandoski	2h17min38	Sandra Magda Lima	3h08min57
86	Euclides Fajardo	2h24min14	Geni Mascarello	3h02min48
85	Euclides Fajardo	2h21min57	Geni Mascarello	3h15min56
84	Paulo Silva	2h22min16	Geni Mascarello	3h01min54
83	Adão Juarez Camões	2h35min47	Sandra Magda Lima	3h15min07

Fonte: http://www.corpa.esp.br/vencedores_na_historia.html

Referências

AGUZZOLI, Enio Paulo. **Enio Aguzzoli: depoimento**, 2004. Porto Alegre: CEME, 2008.

AYUB, Antônio Celso. **Antônio Ayub: depoimento, 2003**. Porto Alegre: CEME, 2008.

DAUDT, Carlos Dario Lopes. **Memórias de uma Saudade: Revivescências do CORPA e das maratonas**. Porto Alegre: 2003.

FERREIRA, Ayrton. **Maratona**. Salvador: Bureau, 1984.

SAVAZONI, André. Ranking de Maratonas: Porto Alegre é a campeã. **Contra Relógio**, São Paulo, v. 20, n. 220, p. 48-49, jan. 2012.

O skate no Rio Grande do Sul: relatos de um de seus pioneiros¹

Alexandre Fornari²

Márcia Luiza Machado Figueira³

O *skate* nasce nos Estados Unidos e só chega ao Brasil no início da década de 1970. Para nós, gaúchos, a primeira referência da sua prática é no ano de 1973 quando alguns jovens foram ao Rio de Janeiro e se encantaram com essa novidade. A partir desse momento começaram a aparecer por aqui algumas iniciativas isoladas e também muitas carências e necessidades relacionadas aos locais para sua prática e a obtenção do equipamento.

¹ Este texto foi elaborado a partir da palestra que Alexandre Fornari ministrou na disciplina História da Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2010.

² Skatista

³ Doutora em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Corpo (GRECCO).

No Rio Grande do Sul não havia local específico nem apropriado para o skate, então, começamos a improvisar utilizando, para isso de algumas lombas ou ladeiras presentes nas cidades. Em Porto Alegre, descíamos as ladeiras na região próxima ao IPA⁴, no bairro Menino Deus e na avenida Cristiano Fischer que foi, inclusive, palco de vários campeonatos. Quase sem segurança, nos arriscávamos nessas ruas e andar de *skate* era mesmo uma aventura. Gostaria de ressaltar que estamos falando do início da década de 1970 e nesse período usávamos a expressão *Surfitti* para designar o equipamento skate. Esse nome era uma mescla com o *surf* porque nós não gostávamos muito da expressão *skate* que na tradução literal seria *patins*. Nessa fase inicial do *skate* no Rio Grande do Sul acabamos por construir não apenas uma denominação própria como também desenvolvemos equipamentos próprios para praticá-lo.

Vale lembrar que nesse período os equipamentos não chegavam até nós. Mas isso não desmotivou um pequeno grupo de adeptos e decidimos fabricar as nossas *surfittis* baseado nas imagens que víamos nas poucas revistas que conseguíamos. Na década de 1970 havia apenas uma banca de jornais na Praça da Alfândega que importavam uma única revista americana de *skate* e apenas três ou quatro exemplares que chegavam aqui com um atraso três ou quatro meses de sua publicação. Além de travarmos uma verdadeira disputa para consegui-la, havia outro fator que limitava a apreensão das especificidades técnicas do

⁴ Instituto Porto Alegre – Rede Metodista de Educação do Sul.

skate: as imagens que essa revista publicava eram pequenas e raramente demonstravam alguma sequência nas quais se pudesse visualizar as manobras. Quando apareciam três imagens sobre um mesmo tema era uma grande alegria.

As revistas nos davam a dimensão da forma do *skate* mas o tamanho dele era, para nós, um grande problema. Assim, unidos de faca de pão e de muita imaginação serrávamos a madeira para construir o *skate* e, muitas vezes, erramos o tamanho. O próprio material utilizado nem era muito apropriado. O meu *surfitti*, por exemplo, tinha as rodas em Baquelite que é um material duro que não tem aderência alguma, um material muito antigo derivado do petróleo. Mas era com essas pranchas que descíamos, cheios de entusiasmo, as ladeiras de Porto Alegre.

Eu iniciei minhas peripécias no *skate* há 36 anos na lomba da Hidráulica no Menino Deus que era considerada o maior reduto de skatistas de então. Meu primeiro *skate* foi comprado em 1970 na Loja Renner pois a importação era liberada no Brasil, e desse modo, conseguíamos alguns equipamentos específicos em alguns poucos estabelecimentos comerciais.

Outro modo de conseguir um *skate* era por meio de uma fábrica de São Paulo que, usando da criatividade dos brasileiros, resolveu copiar o *skate* dos americanos já que era caro e difícil trazer um *skate* dos Estados Unidos. Tínhamos então duas chances: ir a São Paulo para comprar um ou ter algum amigo piloto da Varig⁵ que trouxesse o equipamento. Essas eram as possibilidades de

⁵ Antiga Companhia Aérea.

obtê-lo. Ainda assim essa cópia tinha muitos problemas porque a fábrica decidiu colar uma lixa na parte de cima da tábua e nós praticávamos o *skate* com os pés descalços. Não havia calçado apropriado, então, o que nós fazíamos era imitar algumas manobras do *surf*. Essa fábrica criou a versão abasileirada com grande semelhança ao *skate* mas era mesmo uma *surfitti*.

Com relação a locais apropriados para a prática do *skate* é apenas no final dos anos 1970, entre 1978 e 1979, que surgiram as primeiras pistas em Porto Alegre, algumas delas improvisadas junto das lombas. Como já mencionei, no bairro Menino Deus colocávamos algumas tábuas encostadas em árvores ou mesmo nas calçadas ou nos muros das casas, tentando, assim, improvisar o que seria o início do vertical. Fora isso, somente em 1978 foram construídas a Swell Skate Park⁶ (que existe até hoje em Viamão) e a pista do Parque Marinha do Brasil. Essa última era constituída por um espaço cercado com uma tela contendo dois portões, um na parte de baixo e outro na parte de cima da pista sendo que sempre havia “brigadianos”⁷ em volta. Esse era um modo de controlar aqueles que estavam praticando o *skate* pois nesse período era muito associado à marginalidade. Em Viamão isso não acontecia porque a pista era particular e só entrava para suas dependências quem pagava para usá-la, seja por hora, seja por dia. A pista do Parque Marinha era pública, o que demandava maior vigilância.

⁶ Swell Skate Camp, localizado na cidade de Viamão, próximo a capital Porto Alegre/RS.

⁷ Policial Militar do Rio Grande do Sul.

No final da década de 1970 e início de 1980 o *skate* gaúcho tem *boom* muito grande: começam a melhorar as rodas, os eixos, os rolamentos e as pistas. Em 1978 ou 1979, são inauguradas pistas nas cidades de Pelotas e Taquara, feitas de concreto, que eram super modernas na época. O *skate* começa, então, a ter maior aceitação no Rio Grande do Sul.

Para se ter uma ideia, o primeiro campeonato que teve na pista do Parque Marinha havia 60 inscritos. Na década de 1970, nos redutos tanto do IPA quanto da lomba no Menino Deus, esse número não passava de 30 ou 40 participantes, inclusive, porque não tínhamos o equipamento disponível para a prática do skate. Tínhamos de fabricá-lo.

Já no início dos anos dos anos 1980 as coisas começam a melhorar: as tábuas aumentam, as rodas possuem um material melhor e os eixos cresceram um pouquinho e, por assim ser, havia a necessidade de termos mais técnica, ou seja, mais controle sobre o skate. Com essas melhorias começamos a subir e descer paredes, ou seja, a praticar o que ficou conhecido como *Vertical*. Nesse período temos também mais acesso à informação: encontrávamos mais de 10 revistas americanas sobre a modalidade e havia uns poucos filmes em super oito feitos por skatistas brasileiros nos quais a gente via algumas adaptações nas manobras se comparada com os americanos, mas todas quase que o mesmo resultado.

Enfim, criávamos algumas manobras. Tem uma criada aqui no Rio Grande do Sul chamada *Coisarada*. O skatista criou uma manobra que, inclusive, os americanos, quando aqui estiveram,

viram o skatista fazer e disseram: “Isso aí não existe”. E a gente respondeu: “Existem sim. É a *Coisarada*”. Não criávamos, digamos assim, uma diversidade de manobras. O que nos limitava não era a nossa capacidade física mas, sobretudo, a dificuldade técnica caracterizada pela questão de equipamento e de local apropriados para o skate, inclusive em torno de segurança. Além disso, não havia patrocínio nem incentivo para que isso melhorasse. Quando decidíamos fazer alguma competição, era necessário correr atrás de apoio para comprar as medalhas, camisetas ou algum outro brinde que poderia se dar.

Nos primeiros anos da década de 1980 o *skate* decaiu no Brasil e, principalmente, aqui no Rio Grande do Sul. São Paulo e, por incrível que pareça, Rio Grande do Sul eram os dois maiores polos do esporte nesse período. A pista do Parque Marinha do Brasil entra em decadência e nunca foi reformada, a Swell, por não apresentar mais uma boa rentabilidade ficou sob responsabilidade do caseiro e seus proprietários se transferem para Santa Catarina para montar uma pousada direcionada para a prática de *surf* que dava mais lucros do que ter uma pista de *skate* em Viamão.

Em função desse declínio, os jovens que despontam no reflexo da geração de 1970 começam a improvisar. Nascem, assim, as rampas de madeira, primeiramente precárias e depois acabam surgindo os *half pipes* e como hoje se chamam os banks. Essa decaída vai se arrastar até mais ou menos 1987, onde o *skate* novamente recupera seu prestígio no nosso estado. Surgem novos materiais, novos equipamentos e, sobretudo, um nova

estilo: o *skate* de rua. O *streeteiro*, o praticante do *skate* de rua mostra-se como um verdadeiro arquiteto urbano ao apresentar uma criatividade incrível de adaptar qualquer local urbano para a prática do skate, seja no meio fio da calçada, no banco da praça, na parede inclinada de um prédio.

Um detalhe importante de registrar: o skatista dos anos 1970 para 1980, tinha que fazer tudo: vertical, estilo livre, *slalom* e velocidade. A partir dos meados dos anos 1980 para os 1990, começou uma diversificação de estilos e uma especialização dentro da modalidade. Hoje, por exemplo, no Rio Grande do Sul temos aproximadamente dezesseis atletas que vivem exclusivamente do *skate* com carreiras em diferentes estilos. O Brasil é o segundo maior polo de skatistas no mundo. Obviamente que esta situação está relacionada, também, com a moda, o vestuário, as marcas esportivas, a maneira de se vestir e de se comportar. O *skate* é um também estilo de vida.

Quero finalizar meu depoimento lembrando que no início da prática do *skate* no Rio Grande do Sul, nos deparávamos com outro problema a limitar a sua rápida expansão.

Sua prática não era bem vista sendo considerado um ato de controle pela polícia, era algo quase proibido. Eu lembro bem pois fui recluso três vezes porque estava praticando *skate* em via pública. Vivíamos em plena Ditadura Militar e o fato de reunir pessoas em uma prática esportiva ou qualquer outra situação, tinha que ser em um local fechado e, de preferência, autorizado para tal. Portanto, quando reuníamos uns vinte ou trinta praticantes, éramos imediatamente acusados de perturbar a ordem pública. Esse era

o rótulo e éramos recolhidos para uma delegacia e, se fôssemos menores de idade, nosso pais chamados para de lá nos tirar. Os que tinham mais de 21 anos eram fichados, recebiam advertências e reprimendas. Imaginem, então, o quanto o *skate* se traduzia em aventura: andávamos em nossas pranchas sem termos local nem equipamentos apropriados e ainda precisávamos disfarçar o controle e policiamento. E assim que marcamos os primeiros passos desta modalidade no Rio Grande do Sul! Ainda bem que frutificou!

IMAGENS

Figura 1: Alexandre Fornari – Pista da Swell, Viamão (1980)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Fornari

Figura 2: "Tubo" - Skate no Jardim do Sol (1978)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Fornari

Figura 3: Skates do início das anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Fornari

Figura 4: Skate das ladeiras – Alto de Ipanema, Porto Alegre (1978)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Fornari

Figura 5: Alexandre Fornari - Pista Vertical em cimento (2012)



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre Fornari

Henrique Licht: garimpeiro, guardião e contador de histórias

André Luiz dos Santos Silva¹

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos [...].

Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papezinhos um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, [...].

E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai².

¹ Doutor em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS. Docente nos cursos de Educação Física e Pedagogia na Universidade FEEVALE. Professor de Educação Física de séries iniciais da Rede Municipal de Canoas. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Cultura e Corpo (GRECCO). A produção deste texto contou com o auxílio da equipe do Centro de Memória do Esporte, em especial, Leila Carneiro Mattos e Christiane Garcia Macedo.

² GALEANO, 2002, p. 17.

Dez anos se passaram desde a data em que Henrique Licht doou seu acervo de 7905 itens ao Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS. 2002 também foi o marco inicial do projeto “Garimpando Memórias”³, quando, apropriado do referencial teórico/metodológico da História Oral, realizou sua primeira entrevista, justamente com Dr. Licht. Coincidentemente, uma década depois de importantes marcos para a preservação da história das práticas esportivas, vejo-me com a incumbência de rememorar a figura desse grande “guardião da memória”, Henrique Felipe Bonnet Licht⁴.

Assim como a mulher que canta e conta nas noites de Oslo, coloco-me, neste texto, a retirar de minhas vestes alguns registros que auxiliem a rememorar e contar algumas histórias. Os papezinhos cuidadosamente preservados e organizados, entretanto, não são meus, nem foram por mim confeccionados. São frutos do criterioso trabalho de garimpagem operado pelo Dr. Licht. Assim, ao espiar os lembretes guardados nos bolsos, recorro a anotações, medalhas, flâmulas, *souvenirs*, recortes de jornal, atas, cartazes etc.; recorro, também, às lembranças individuais que, por meio de entrevistas, tornaram-se registros escritos.

Ao longo de anos, Henrique Licht dedicou-se à busca de diversos itens referentes às práticas esportivas e de Lazer e nesse processo investiu cuidado em sua preservação e guarda,

³ Vinculado ao Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS.

⁴ Nascido em Porto Alegre, em 1922, filho de Pedro Frederico Licht e Lesith Rosa M. Bonnet. Casou-se com Arilli Lupi Boni e tiveram sete filhos.

classificou e organizou todos os materiais, listou seu acervo e inventariou suas peças. Fruto do respeito à memória e movido pela paixão pelo esporte, Dr. Licht, em seu “ofício de garimpagem”, constituiu um acervo que reúne preciosidades.

Originalmente, Henrique Licht organizou seus itens por meio de pastas temáticas referentes a: 1) Acervo Olímpico, composto por materiais diversos acerca dos Jogos Olímpicos [medalhas, bandeiras, bótons, tabelas, fotos, mascotes, vestimentas etc.] e Jogos Olímpicos de Inverno [encontram-se registros das edições de 1924 a 1980]; 2) Acervo não Olímpico – Brasil – Itens referentes às práticas esportivas e de Lazer ocorridas em âmbito nacional - é composto por revistas, monografias, cartazes, cadernos de regras, materiais de congressos, fitas K7, fitas VHS, dentre outros; 3) Acervo Porto Alegre – itens referentes às práticas esportivas e de Lazer vinculados à cidade de Porto Alegre - é composto por livros, revistas, estatutos, relatórios, recortes de jornal, medalhas, fotografias, mascotes, cartazes, regulamentos, etc.

A despeito do que acontece com alguns tantos sujeitos que se dedicam à busca e guarda da memória, Licht divulgou seu acervo e mostrou os itens por ele guardados. Entre 20 a 30 de setembro de 1959, organizou uma mostra, intitulada “Primeira Exposição Histórico-Desportiva do Rio Grande do Sul”. Uma década depois, organizou a “Exposição de lanchas e materiais náuticos”, no estádio náutico em Porto Alegre. Desde então, seu envolvimento com as exposições tornou-se mais constante, chegando a organizar seis no ano de 1996. Assim, de exposição em exposição, além de garimpeiro e guardião da memória,

Henrique Licht se constituía um contador de histórias e, como tal, publicou livros sobre as memórias das práticas esportivas.

Datado de 2002 e intitulado “Ciclismo no Rio Grande do Sul 1865-1905”, Henrique Licht publica as notícias sobre o ciclismo na mídia impressa de diversas cidades do Rio Grande do Sul. Atualmente na segunda edição, a obra intitulada “O Remo através dos tempos” foi publicada inicialmente em 1986, ampliada e reeditada em 2008. Em meio às 334 páginas, Henrique Licht debruça-se a narrar as mudanças sofridas pela prática do Remo ao longo dos tempos, ressaltando as competições, os atletas mais expressivos e a organização do esporte.

Licht contava histórias dos outros, de outros atletas, outros lugares, práticas esportivas que não lhe eram próprias. Apresentava fotografias que não foram tiradas por ele e mostrava fragmentos de um tempo que ele mesmo não havia vivido e, assim, ao contar aquelas histórias, preservava a memória coletiva de uma sociedade que se constitui em meio a práticas físicas.

Entretanto, não foram só as memórias coletivas preservadas e contadas por Licht. Os lugares por onde andou, os atletas que conheceu, as partidas que jogou, assim como suas experiências no interior das práticas esportivas também povoaram suas histórias. Algumas delas foram guardadas nas memórias individuais de outros sujeitos, outras, foram gravadas e transcritas.

Atualmente, estão disponibilizadas online três entrevistas realizadas com Dr. Licht. Datadas de 2002 e 2005, as conversas gravadas de duração média de quarenta minutos impressionam pela densidade dos depoimentos e

por sua capacidade de lembrança. Nomes, datas e eventos são rememorados por Licht com impressionante riqueza de detalhes. Suas histórias envolvem e cativam.

H.L. [...] o Turnerbund⁵, já teve inclusive um Badeanstalt lá no Guaíba: uma piscina de madeira no Guaíba, desde 1885. [...]

E.F, 85 é?

H.L. Em 1885, já tinha Badeanstalt, é um tanque de madeira que depois incendiou. Incendiou, cuja data até hoje ninguém explicou direito. E acho que tudo que está escrito não está correto. Em alguns: 1914, 1915 e 1916. Nestes três anos percorri todos os jornais de Porto Alegre, e não tem um incêndio grande, interessante, do lado, ali na Voluntários da Pátria, onde era. Havia a sede da Sogipa, que era de madeira, uma sede muito bonita – tem fotografia – e do lado tinha um depósito de combustível, que incendiou: caiu petróleo no rio e foi indo e incendiou também. Agora a data não é notícia.⁶

Garimpeiro e Contador de histórias, Henrique Licht produziu seu acervo e se constituiu como tal em meio às práticas esportivas e de Lazer. Até os quinze anos, frequentou o “Sport Club Navegantes”, “Clube de Regatas Almirante Barroso” e à margem do Guaíba praticava remo, pescava e jogava futebol

⁵ Uma das denominações anteriores à SOGIPA. Nas palavras de Licht “A Sogipa não era Sogipa, naquele tempo tinha outro nome [...]”. (LICHT, 2003, p. 2.)

⁶ Henrique Licht em entrevista à Eneida Feix cujas iniciais H.L. e E.F indicam autoria ao fragmento acima. Id. Ibid. p.02.

no campinho. Acompanhou as regatas e com este esporte teve maior envolvimento ao longo de sua vida. Enquanto criança, participou de excursões e vivenciou jogos e brincadeiras diversas. A boa relação de sua família com a comunidade dos Navegantes além de permitir acesso às práticas físicas, garantiam-lhe algumas prerrogativas:

Conheci destacados desportistas e atletas desde a década de 1930 e, graças ao ótimo relacionamento de meu pai em diversos clubes e entidades, sempre fui recebido com a maior consideração nas competições, festividades e reuniões, apesar de ser um adolescente. Ele é filho do Licht, ou ainda mais efetivamente, este guri é filho do Pedrinho – meu pai Frederico Licht... Facilitavam todos os diálogos e participações⁷.

Disputou competições de tênis, basquete, voleibol e futebol e sua relação com o esporte se estendeu a diversas instituições às quais esteve vinculado (Escolas civis e militar, agremiações e diversos clubes esportivos). Em 1950, iniciou o curso de Medicina da Educação Física e dos Desportos na Escola Superior de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul (ESEF), obtendo o título de médico naquele mesmo ano. Exerceu a medicina no Colégio *Sevigné*, Grêmio Náutico União, Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, Federação de Remo,

⁷ LICHT, 2003, p. 20.

Federação de Voleibol, Federação de Natação, Confederação Brasileira de Desportos, dentre outras entidades.

Sua relação com os esportes e com diversos sujeitos e instituições vinculados às práticas esportivas e de Lazer possibilitaram o amplo trabalho de garimpagem que culminou nos 7905 itens doados ao Centro de Memória do Esporte, em 2002. A organização original feita por Henrique Licht sofreu algumas alterações depois de doado ao CEME. As pastas temáticas foram reorganizadas em três acervos: 1) Acervo Olímpico, referente aos Jogos Olímpicos e Jogos Olímpicos de Inverno; 2) Esportes, Educação Física e Recreação – agrega itens relativos às práticas físicas diversas; 3) Materiais para exposição – referente ao acervo tridimensional (medalhas, vestimentas, troféus, mascotes, bótons, dentre outros).

Dos 7905 itens inicialmente doados, o acervo, hoje, conta 12195. Periodicamente, desde 2002, Henrique Licht efetua novas doações ao CEME e, assim, tornou-se o colaborador de mais itens doados ao Centro de Memória.

Garimpeiro, guardião e contador de Histórias, Henrique Fellipe Bonnet Licht dedicou parte de sua vida ao esporte e à preservação da memória das práticas de movimento e, como tal, foi tema da exposição organizada pelo CEME “Henrique Licht:

⁸ A Equipe do CEME prevê outra visita ao Dr. Licht para uma nova entrevista. Antecipadamente, Henrique Licht anuncia que há mais alguns itens a serem doados. Logo, seu acervo deve passar dos 12195 e a história que acabo de contar vai necessitar de uma outra versão.

um garimpeiro de memórias”, ocorrida entre 03 a 30 de maio de 2011. A exposição reuniu materiais relativos à atuação de Licht no campo do esporte, lazer e Educação Física, além de artefatos raros que o médico gaúcho doou ao CEME, incluindo a primeira medalha olímpica conquistada pelo Brasil, em 1920, nos Jogos Olímpicos da Antuérpia.

Mas essa é uma outra história... e antes de contá-la preciso pedir ao Dr. Licht que confeccione mais alguns tantos papezinhos para que eu possa guardá-los em meus bolsos e espiá-los, entre um parágrafo e outro⁸...

Referências:

GALEANO, Eduardo. A paixão de dizer. In: O LIVRO dos abraços. 2 ed. Porto Alegre: LePm, 2002.

LICHT, Henrique Fellipe Bonnet. **Henrique Licht II**: depoimento, 2002. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2003.

⁸ A Equipe do CEME prevê outra visita ao Dr. Licht para uma nova entrevista. Antecipadamente, Henrique Licht anuncia que há mais alguns itens a serem doados. Logo, seu acervo deve passar dos 12195 e a história que acabo de contar vai necessitar de uma outra versão.

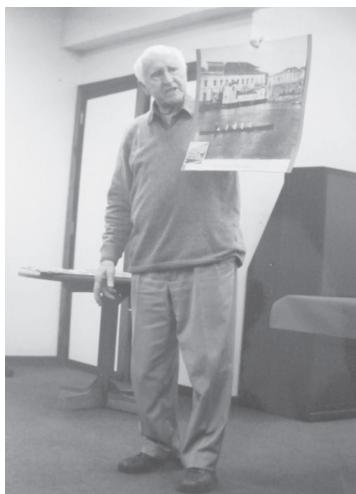
Imagens:

Figura 1: Henrique Licht (2002)



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS

Figura 2: Henrique Licht (2002)



Fonte: Centro de Memória do Esporte, ESEF, UFRGS

